

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS**  
**LINGÜÍSTICOS**  
**MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS**  
**LINGUÍSTICOS**  
**MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**SUELLEN SILVA VENTURIM**

**A RETEXTUALIZAÇÃO E O PROCESSO DE**  
**(RE)CATEGORIZAÇÃO E DE (RE)CONSTRUÇÃO DE**  
**OBJETOS DE DISCURSO: UMA ANÁLISE DE CONTOS**

**VITÓRIA**

**2015**

**SUELLEN SILVA VENTURIM**

**A RETEXTUALIZAÇÃO E O PROCESSO DE  
(RE)CATEGORIZAÇÃO E DE (RE)CONSTRUÇÃO DE  
OBJETOS DE DISCURSO: UMA ANÁLISE DE CONTOS**

**VITÓRIA**

**2015**

SUELLEN SILVA VENTURIM

**A RETEXTUALIZAÇÃO E O PROCESSO DE  
(RE)CATEGORIZAÇÃO E DE (RE) CONSTRUÇÃO DE  
OBJETOS DE DISCURSO: UMA ANÁLISE DE CONTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de mestre – Mestrado em Estudos Linguísticos. Área de concentração: Texto e Discurso.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria da Penha Pereira Lins

Vitória

2015

**SUELLEN SILVA VENTURIM**

**A RETEXTUALIZAÇÃO E O PROCESSO DE  
(RE)CATEGORIZAÇÃO E DE (RE) CONSTRUÇÃO DE  
OBJETOS DE DISCURSO: UMA ANÁLISE DE CONTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de mestre – Mestrado em Estudos Linguísticos.

Aprovada em xx de xx de 2015.

Comissão Examinadora.

---

**Profª Drª Maria da Penha Pereira Lins - UFES**

**Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão  
Examinadora**

---

**Profª Drª Isabel Maria Loureiro de Reboredo Seara –  
Universidade Aberta de Lisboa**

**Membro Titular Externo da Comissão Examinadora**

---

**Prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Jr. – UFES**

**Membro Titular Interno da Comissão Examinadora**

À minha família e aos meus amigos.

“O texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos de discurso e propostas de sentido”.

*Ingedore Villaça Koch*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à professora doutora Maria da Penha Pereira Lins, pelo conhecimento compartilhado nesta jornada de pesquisa como orientadora.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFES que direta e indiretamente me ajudaram e sempre estiveram dispostos a me ouvir, em especial os professores Rivaldo Capistrano Junior e Leila Maria Tesch pelas valiosas sugestões no momento de qualificação.

Agradeço também à professora Isabel Maria Loureiro de Reboredo Seara, por dedicar tempo à leitura deste trabalho, bem como à sua avaliação na defesa.

Às minhas amigas Débora Furieri, Sabrina Ferraz, Aline Berbert e Mayra Duarte, com as quais dividi dúvidas, inseguranças, êxitos; cujo apoio foi fundamental ao longo desses dois anos.

Agradeço a todos os funcionários do PPGEL, especialmente à Luciana Cruz, pela atenção e por sempre se mostrar solícita.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram em minhas decisões, incentivando-me a buscar cada vez mais o conhecimento.



## RESUMO

Uma visão ampliada para o ato de retextualizar se caracteriza pela transformação de um texto escrito no interior de um gênero textual sem alterar o gênero inicial. Essa estratégia pôde ser elaborada por meio da análise do trabalho “Recontando um conto: O peru de natal”, desenvolvido em sala de aula pela disciplina de Comunicação e Expressão Verbal, ofertada pela PUC/SP, no primeiro semestre de 1982. Os estudantes reescreveram o conto de Mário de Andrade a partir da visão de diferentes personagens. Ou seja, o mesmo tópico foi narrado sob perspectivas discursivas diferenciadas, mantendo-se o gênero textual inicial. Essa nova forma de analisar o texto possibilitou um estudo aprofundado de aspectos textuais que, muitas vezes, não são levados em consideração na releitura de textos e na produção textual de gêneros escritos. Partindo desse pressuposto, este trabalho se propõe a efetivar uma análise de textos retextualizados por alunos do 3º período do curso de graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, que constituem o *corpus* desta pesquisa, com vistas a analisar o processo de referenciação e de reconstrução de objeto de discurso nos textos retextualizados. O escopo teórico fundamenta-se no processo de referenciação Koch (2004 e 2006) e na (re)construção de objeto de discurso Cavalcante (2003, 2011) e Mondada & Dubois (2003). Além disso, a teoria dos gêneros textuais, presente em Marcuschi (2008) - que aborda as noções de língua, texto, gênero, compreensão e sentido, na visão sociointeracionista da língua - também serão utilizadas. Além disso, serão retomadas as teorias iniciais sobre retextualização contidas em Marcuschi (2001), Travaglia (2003) e Dell’Isola (2007), a fim de traçar o percurso teórico para alcançar novas perspectivas no que diz respeito à ampliação do conceito de retextualização.

Palavras-chave: retextualização; referenciação; perspectivas discursivas.

## ABSTRACT

An expanded vision for the act of retextualizing is characterized by the transformation of a written text inside one textual genre without modify the initial genre. This strategy could be developed through the analysis of the work “Recounting a tale: the Christmas turkey”, created by the subject of Communication and Verbal Expression, offered by PUC/SP, at the first semester of 1982. The students rewrote the tale of Mario de Andrade from the view of different characters. So, the same topic was narrated under differentiated discursive perspectives, keeping the initial genre. This way to anylise the text enabled a deeper study of textual aspects that several times aren't take into account in the rereading of texts neither in the text production of written genres. Under this assumption, this paper aims to conduct an analysis of retextualized texts produced by studants of the the third period of Social Communication, from the Federal University of Espírito Santo, which constitute the *corpus* of this research with the aim of analyze the referencing process and the construction of the objects to speech in the retextualized texts. The theoretical scope is based on the referencing process Koch (2004 e 2006) and the (re)construction of the objects to speech, Cavalcante (2003, 2011) e Mondada & Dubois (2003). Besides, the theory of genres of Marcuschi (2008) – that approaches the notions of language, text, genre, understanding, in view of sociointeractionist language – will also be used. The initial theories about retextualizing – in Marcuschi (2001), Travaglia (2003) e Dell'Isola (2007) – will be resumed with the aim of draw the theoretical path to reach new prospects to the expansion of the concept of retextualization.

Key Words: retextualizing; referencing; discursive perspectives.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>1. O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO E SUAS DIFERENTES MODALIDADES.....</b>	<b>14</b>
1.1 Retextualização: práticas de transformação da fala para a escrita.	15
1.2 Retextualização e sua relação com a tradução.....	17
1.3 Retextualização entre gêneros.....	18
1.4 Retextualização: uma visão ampliada.....	21
<b>2. A REFERENCIAÇÃO E A (RE)CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO.....</b>	<b>21</b>
2.1 Funções das expressões referenciais.....	27
2.2 Categorização e recategorização de objetos de discurso no processo de referenciação.....	30
<b>2.2.1 Estratégias de progressão referencial.....</b>	<b>33</b>
<b>3. O GÊNERO CONTO: CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>37</b>
3.1 O conto “os irmãos Dagobé”, de Guimarães Rosa.....	39
<b>4. METODOLOGIA E DADOS .....</b>	<b>42</b>
4.1 Composição do <i>corpus</i> de análise.....	42
<b>5. O PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO E DE (RE) CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO: UMA ANÁLISE DE CONTOS REESCRITOS.....</b>	<b>45</b>
5.1 Damastor Dagobé e suas (re)categorizações no conto original de Guimarães Rosa .....	46
5.2 Retextualização do conto “os irmãos Dagobé”: A perspectiva do caixão.....	52
5.3 Retextualização do conto “os irmãos dagobé”: A perspectiva de Doricão, o irmão sucessor.....	56

5.4 Retextualização do conto “os irmãos Dagobé”: A perspectiva da arma que matou Damastor.....	62
5.5 Retextualização do conto “os irmãos Dagobé”: a perspectiva do próprio Damastor.....	66
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>70</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho aborda a prática de retextualização e a análise de teorias sobre a referenciação e a categorização e recategorização de objetos de discurso. Levando em consideração as novas perspectivas observadas pela Linguística Textual atualmente e, a partir disso, elaborando uma ampliação do conceito de retextualização, pode-se conceber uma nova noção para o termo, em que se possa antever e a possibilidade de se parafrasear o texto dentro de um mesmo gênero textual.

O termo retextualização já havia sido antevisto como a transformação de um texto oral para um texto escrito em Marcuschi (2001). Além dessa visão, Travaglia (2003) aponta como a tradução e a retextualização podem se relacionar. A autora acredita que a tradução será considerada como a retextualização de um texto numa língua diferente daquela em que foi originalmente concebido.

O termo retextualização também foi teorizado como a transformação de um gênero textual em outro gênero textual por Dell'Isola (2007). Nas palavras da própria autora, retextualização ocorre quando há transformação de uma modalidade textual em outra.

Outra definição para o ato de retextualizar se caracteriza pela transformação de um texto escrito no interior de um gênero textual sem alterar o gênero inicial. Essa estratégia pôde ser elaborada por meio da análise do trabalho “Recontando um conto: o peru de natal”, desenvolvido em sala de aula pela disciplina de Comunicação e expressão verbal, ofertada pela PUC/SP, no primeiro semestre de 1982, que serviu como apoio para formular o *corpus* desta pesquisa. O resultado do trabalho realizado em 1982 foi publicado em um livreto simples, encontrado em meio a outros livros na biblioteca pessoal da professora orientadora desta pesquisa.

Os estudantes reescreveram o conto de Mário de Andrade a partir da visão de diferentes personagens. Ou seja, o mesmo tópico foi narrado sob perspectivas discursivas diferenciadas, mantendo-se o gênero textual inicial. Lembrando que

os alunos da PUC/SP, ao realizarem este trabalho, efetivaram um processo de ler e descobrir o texto. Dessa forma, foi possível analisar e “trazer à tona a simbologia do texto, seu implícito, seu não dito...destecer o texto; então, o leitor/descobridor, agora criador/escritor, agente de seu próprio processo de recriar/innovar, produz um texto que se remete ao processo anterior de leitura/decodificação”. (RECONTANDO UM CONTO: O PERU DE NATAL, 1982). Essa nova forma de analisar o texto pode tornar possível um estudo aprofundado de aspectos textuais que, muitas vezes, não são levados em consideração durante a leitura de textos e na produção textual de gêneros escritos.

O contato com este trabalho inspirou a criação de uma proposta de produção textual cujas produções constituem o *corpus* aqui analisado. Essa proposta foi aplicada à turma de comunicação social da Universidade Federal do Espírito Santo, que cursava a disciplina de Práticas de redação II. Os alunos leram e analisaram o conto “Os irmãos Dagobé”, de Guimarães Rosa com vistas a recriar a história partindo do ponto de vista de outros personagens presentes no conto original a partir de informações implícitas e/ou explícitas no texto.

A esse processo deu-se o nome de retextualização e, para explorar o tema, o primeiro capítulo deste trabalho aborda as diferentes denominações e os diferentes usos desse recurso linguístico, pois ele já havia sido relacionado à transcrição da fala para a escrita, já havia sido relacionado à tradução e à transformação de um gênero em outro.

O segundo capítulo trata da referenciação e da (re)construção de objetos de discurso, já que esses dispositivos dão embasamento teórico que possibilitam recriar os variados pontos de vista presente nos contos reescritos (*corpus*).

O terceiro capítulo apresenta a composição do *corpus* de análise e faz considerações sobre o gênero conto, já que é o gênero em foco neste trabalho. Além disso, é feita uma descrição/apresentação do conto de Guimarães Rosa, “Os irmãos Dagobé” a fim de situar o leitor em relação aos fatos principais da história que constitui parte do *corpus* de análise e os aspectos que

possibilitaram a reescrita do texto dentro dessa nova proposta de retextualização.

O quarto capítulo trata da categorização e da (re)construção de objetos de discurso, que reforça a análise dos contos reescritos, afinal, as categorizações, recategorizações a construção de objetos de discurso e a reconstrução dos objetos de discurso são os principais aspectos linguísticos que tornam possível a recriação dos contos baseados na história original de Guimarães Rosa. Ao articular as teorias relacionadas à categorização, pretende-se estabelecer uma visão mais ampliada da noção de categorização/recategorização, capaz de contemplar, além das expressões nominais e predicativas tradicionalmente levadas em conta, quaisquer elementos textuais que colaborem na construção e identificação do objeto de discurso.

Vale lembrar que este trabalho é um estudo de caso e não pretende esgotar o assunto. Na verdade, os estudos aqui apresentados objetivam mostrar uma forma de analisar, interpretar e recriar textos levando em consideração os dispositivos linguísticos que a linguística textual oferece.

## 1. O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO E SUAS DIFERENTES MODALIDADES

As condições de textualização não são imanentes ao texto e nem podem ser definidas antecipadamente. Elas são requeridas e se justificam no complexo processo de leitura e de produção que envolve a situação de comunicação, os gêneros, os objetivos pretendidos, os interlocutores previstos. (SOUZA; PEREIRA,2010).

Sendo assim, os parâmetros de textualização variam de um gênero para o outro, não podendo ser definidos antecipadamente para todos os textos. As condições de produção que envolvem contexto, interlocutores, tema, vão definir a linguagem e a estrutura organizacional do tema.

Portanto, para efetivar a prática de retextualização, os aspectos de textualização se tornam fundamentais, afinal, para que um texto seja produzido, é necessário levar em conta um dado evento de interação nas práticas discursivas (KOCH, 1995).

Quando se trata de retextualização, Marcuschi (2001) é, provavelmente, um dos autores ao qual mais se faz referência. Entretanto, ele não define claramente essa noção, mas dá indícios sobre ela. O autor retoma a ideia original proposta por Travaglia (1993), que utiliza a expressão para designar o processo de tradução de um texto de uma língua para outra e afirma que a retextualização também se trata de uma tradução, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se na mesma língua (Marcuschi, 2001, p. 48).

Dell'Isola (2007, p.10), por sua vez, define retextualização como um “processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção<sup>1</sup> e uma reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem”. Há, nesse caso, a passagem de “um texto para outro”, em “modalidades” diferentes.

---

<sup>1</sup> Este trabalho não tem o propósito de fazer uma distinção rigorosa os termos *retextualização*, *reescrita* e *refacção*.



Matencio (2002) parte do pressuposto de que “retextualizar é produzir um novo texto” e afirma que “toda e qualquer atividade propriamente de retextualização irá implicar, necessariamente, mudança de propósito”. Além disso, a autora explicita que a retextualização seja a “produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base” (MATENCIO, 2003, p.1), e dá ênfase à condição derivada do segundo texto, efetuado a partir de outros que são utilizados como fontes.

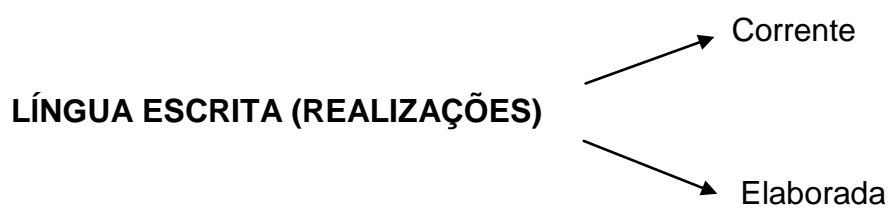
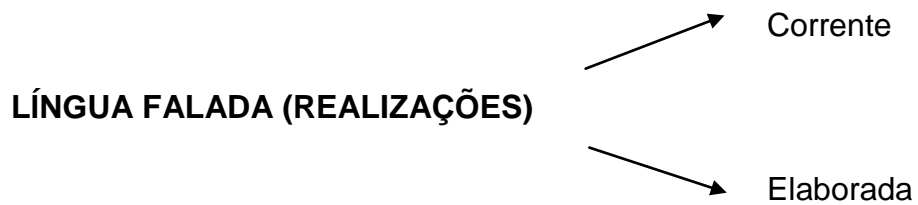
A seguir, os conceitos apresentados por cada autor serão desenvolvidos com mais prioridade, a fim de traçar os estudos que norteiam a retextualização.

### 1.1 Retextualização: práticas de transformação da fala para a escrita

Marcuschi (2001) nos leva a refletir sobre o fato de que a oralidade e a escrita não podem ser examinadas como opostas. Na verdade, elas devem ser consideradas elementos interativos que se completam nas práticas sociais e culturais. Por isso, o autor afirma “justamente pelo fato de a fala e a escrita não se recobrirem podemos relacioná-las, compará-las, mas não em termos de superioridade ou inferioridade” (MARCUSCHI, 2001, p.35)

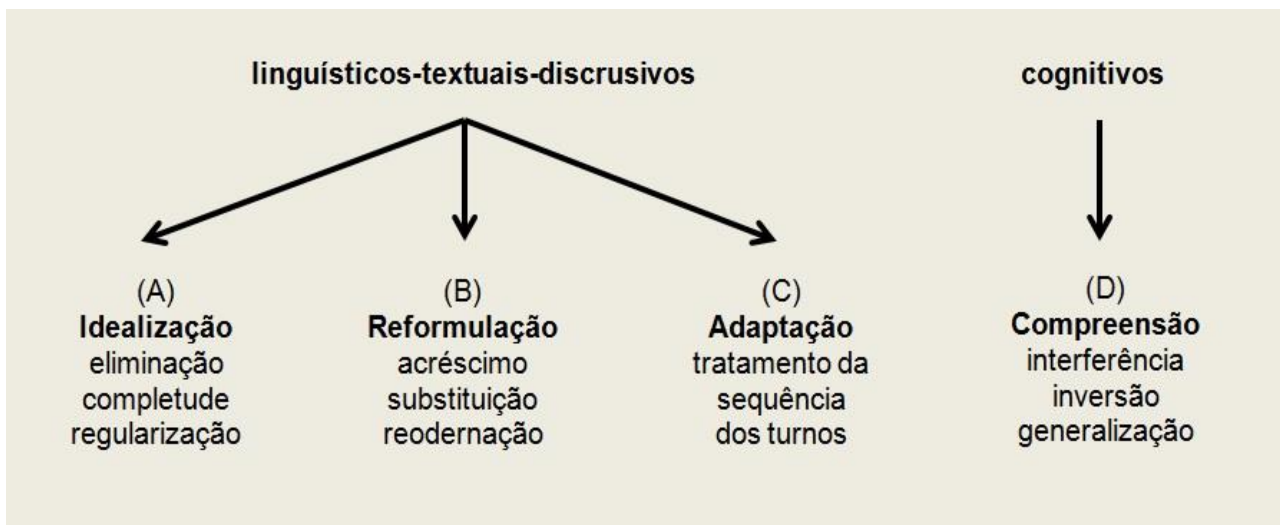
Partindo dessa posição, o autor busca construir um modelo capaz de analisar o nível de consciência dos usuários da língua sobre as diferenças entre fala e escrita. Ele identifica as operações mais comuns efetuadas na passagem do texto falado para o texto escrito. Esta passagem ou transformação é denominada retextualização.

Para o autor, os aspectos envolvidos na retextualização podem ser definidos a partir de Catach (1996), que, para analisar a relação oral/escrito com mais cuidado, propôs que se fizessem pelo menos duas distinções no plano do discurso, assim formuladas:



Com isso, é possível fazer a passagem de umas para as outras, ou seja, os cruzamentos possíveis entre as quatro realizações. Dessa forma, desfaz-se o mito de que a fala é o *lócus* da informalidade e a escrita, o da realização formal da língua.

Marcuschi (2001) afirma que é difícil precisar os limites entre os aspectos lingüísticos-textuais-discursivos e os cognitivos, mas tudo indica que se trata muito mais de uma gradação do que uma separação. Isso é demonstrado por meio de um esquema, que também revela os aspectos envolvidos no processo de retextualização. São eles:



São descritas, ainda, nove operações textuais discursivas na passagem do texto oral para o escrito.

*1ª Operação:* eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização linguística); *2ª Operação:* introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entonação das falas; *3ª Operação:* retirada das repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos. *4ª operação:* introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos; *5ª operação:* introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalizações de contextos expressos por dêiticos; *6ª operação:* reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos; *7ª operação:* tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas; *8ª operação:* reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa; *9ª operação:* agrupamento de ideias condensando as ideias (MARCUSCHI, 2001, p.75).

Por fim, o autor ressalta que seu estudo pretende deixar claro que a língua não é um simples sistema de regras, mas uma atividade sociointerativa. Ou seja, seu uso assume um lugar central e deve ser o principal objeto de nossa

observação porque só assim se elimina o risco de transformá-la em mero instrumento de transmissão de informações.

## 1.2. Retextualização e sua relação com a tradução

Em seus estudos, Travaglia (2003) aponta como a tradução e a retextualização podem se relacionar. A autora acredita que a tradução será considerada como a retextualização de um texto numa língua diferente daquela em que foi originariamente concebido. Travaglia nos explica que o tradutor recoloca em texto, numa outra língua, a reconstrução de um sentido que faz a partir de uma textualização anterior.

Abordar a tradução como forma de retextualização, segundo a autora, ocasiona o deslocamento do foco de observação do processo tradutório para um outro aspecto deste mesmo processo:

para o fato de que, ao traduzir, isto é, “transpor ideias”, “buscar equivalência”, “captar e reexprimir mensagens alheias”, “captar e exprimir sentidos”, etc., o tradutor está, na realidade, acionando todos os elementos que conferem textualidade a um texto e que foram anteriormente acionados pelo produtor do texto original (TRAVAGLIA, 2003, p. 63).

Vale lembrar, ainda, que manejando uma outra língua, o tradutor estará, de certa forma, dispondo de outros elementos, ou até os mesmos elementos sob perspectivas diferentes.

Travaglia acrescenta que a teoria da tradução enquanto retextualização aborda tanto a língua como conjunto de regularidades discursivamente constituídas, quanto a situação e o sujeito usuário da língua na interação, ou seja, as condições de produção do texto como unidade discursiva de sentido. Leva em conta que o sistema linguístico não é um código estanque e imutável, mas um espaço em constante mudança. Isso reflete a atividade tradutória numa perspectiva textual, ou seja, uma reflexão da tradução enquanto trabalho com o texto, realidade existente em uma determinada língua, que passará a existir como texto em outra língua.

Na proposta de Travaglia, a tradução como produção textual considera que todos os fatores linguísticos e extralinguísticos da textualidade co-existem tanto no universo da língua de partida como no da língua de chegada. A autora defende a tradução como um processo de retextualização, e ressalta a importância dos fatores de textualidade que são determinantes no ato tradutório, além de serem responsáveis pelas escolhas do tradutor. Portanto, o enfoque é sobre as interferências desses fatores e de sua relação com as condições de produção.

Vale ressaltar a importância da interpretação do tradutor no processo de 'criação de sentidos', bem como a 'intenção' desse tradutor ao fazê-lo. Conseqüentemente, a interpretação do tradutor acontece tanto no momento da leitura quanto no momento da produção do seu texto – que é um “novo” texto. Desse modo, é nessa interpretação que o tradutor coloca um pouco de si – ou coloca seu objetivo – neste novo texto, e o original, por sua vez, mantém-se em constante processo de transformação.

### 1.3. Retextualização entre gêneros

Dell'Isola (2007) apresenta o termo retextualização quando há transformação de uma modalidade textual em outra. Trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para outro, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem. A autora acredita que este processo envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem.

Seu trabalho parte do princípio de que os gêneros são fenômenos históricos relacionados a aspectos culturais, e que a língua decorre das ações do homem em suas interações sociais. Dessa forma, considera-se que o processo de retextualização de gêneros torna necessária uma reflexão sobre a situação de produção do texto e também sobre as esferas de atividades em que os gêneros se constituem e atuam. Assim, ao se realizar retextualização, é indispensável levar em consideração as condições de produção, de circulação e de recepção do texto.

Outro ponto importante destacado pela autora é que os processos de retextualização não devem ser vistos como tarefa artificial, pois é fato comum na vida cotidiana e pode ocorrer de maneiras diferentes. Vale lembrar que um mesmo conteúdo pode ser retextualizado de inúmeras maneiras.

Dell'Isola acredita que a prática da escrita de gêneros textuais orientada pela leitura de um texto e pelo desafio de transformar seu conteúdo em outro gênero, mantendo fidelidade às suas informações de base é uma atividade bastante produtiva. Dessa forma, para a realização de tal atividade, é apresentado um conjunto de procedimentos e de reflexões necessárias para desenvolver esta transformação. São eles: 1) *Leitura* de textos publicados, previamente selecionados; 2) *Compreensão textual*, observação e levantamento das características de textualização do texto lido; 3) *Identificação do gênero*, com base na leitura, compreensão e observações feitas; 4) *Retextualização*: escrita de um outro texto, orientada pela transformação de um gênero em outro gênero; 5) *Conferência*: verificação do atendimento às condições de produção: o gênero textual escrito, a partir do original, deve manter, ainda que em parte, o conteúdo do texto lido; 6) *Identificação*, no novo texto, das características do gênero-produto da retextualização; 7) *Reescrita*, após a verificação do atendimento às condições de produção (trata-se da escrita da versão final do texto, feitos os ajustes necessários).

Assim sendo, cabe apresentar um exemplo a experiência relatada por Dell'Isola (2007) que propôs a retextualização de uma notícia para uma tirinha a alunos de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental e 1<sup>o</sup> ano do ensino médio.

## TEXTO 15

*RONALDO E DANIELLA*

*Menos de três meses após se unirem, em cerimônia num castelo francês, a fera da bola se separa da bela da passarela.*

### **Era uma vez um romance**

O conto de fadas acabou. Ronaldo e Daniella Ciccarelli não são mais marido e mulher. A gota d'água para a separação foi o fato de a modelo mineira ter ido a uma festa na casa do ex-namorado João Paulo Diniz, herdeiro do grupo Pão de Açúcar, em São Paulo. Ela já expusera o craque na cerimônia que marcou a união do casal, em 14 de fevereiro, na cidade francesa de Chantilly, ao expulsar do castelo a também modelo,

Dell'Isola, 2007, p. 79

A partir da leitura de uma notícia, que divulgou a separação do jogador Ronaldo e da modelo Daniella Ciccarelli, os alunos elaboraram a seguinte

## TEXTO 16



Dell'Isola, 2007, p.80

Por fim, é importante destacar que o processo de retextualização proposto por Dell'Isola torna possível a divulgação de diversos textos em diferentes espaços da mídia, de forma a atingir diferentes públicos leitores.

#### 1.4 Retextualização: uma visão ampliada

Já previsto como três propostas distintas (Marcuschi (2001), Travaglia (2003) e Dell'Isola (2007) ), o processo de retextualização, neste trabalho, será apresentado de uma forma diferente das demais. Tendo em vista o tema da referência e da criação de objetos de discurso, o termo *retextualização* trará, em sua nova configuração, a reescrita de um texto base sob outra perspectiva discursiva, mantendo-se o gênero textual inicial.

A possibilidade de trabalhar o texto dentro desta nova ótica originou-se na análise de um trabalho realizado pela disciplina de Comunicação e expressão verbal da PUC que consistia na reescrita do conto “O peru de natal”, de Mário de Andrade. Entretanto, essa reescrita deveria ser elaborada a partir do ponto de vista de outras personagens envolvidas no enredo da história. Essa atividade inspirou uma análise mais profunda do texto, a fim de captar suas minúcias, bem como os objetos de discurso e suas novas categorizações a partir da perspectiva do outro.

A retextualização pode ser uma atividade com grande potencial para dar maior qualidade às análises de textos em sala de aula, por exemplo. Entretanto, os estudos validando cientificamente esse fato ainda não foram explorados. As teorias existentes não exploram a capacidade de conceber o texto nessa nova perspectiva de estratégia de análise e produção textual. Sendo assim, este trabalho baseia-se nessa motivação para levantar as seguintes hipóteses: a) Numa visão ampliada deste fenômeno, pode-se afirmar que a retextualização no interior do mesmo gênero pode apresentar visões de mundo diferenciadas sobre o mesmo evento; b) A retextualização é uma estratégia produtiva para a análise e produção textual; c) A modificação do ponto de vista possibilitará a criação de diferentes categorizações.

Importante salientar que essas hipóteses têm sua comprovação baseada nos instrumentos que a Linguística Textual oferece para a análise de textos retextualizados pertencentes a um mesmo gênero textual, tal qual o processo de referência que, na formulação de categorizações e recategorizações,



apresenta o constructo de objetos de discurso a partir de diferentes pontos de vista.

## 2. A REFERENCIAÇÃO E A (RE)CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO

Tradicionalmente, a questão da referência é tratada como um problema de representação do mundo real, em que a língua é vista como uma representação mental da realidade, sendo, portanto, avaliada em termos vericondicionais. O que prevalece nessa perspectiva é:

a crença na possibilidade de dizer o mundo de forma objetiva, distinguindo rigidamente entre fatos e crenças. Além disso, essa perspectiva caracteriza-se por produzir teorias da compreensão e da produção textual em que, de um lado, está o texto com conteúdos objetivamente inscritos e, de outro, indivíduos que, em condições específicas, podem captar os conteúdos sem maiores problemas. Para esses autores, tanto a linguagem como o mundo estão previamente discretizados e podem ser correlacionados (MARCUSCHI, 2008, p. 139).

Esse quadro é combatido por aqueles que adotam uma perspectiva sociocognitiva e interacionista no entendimento da relação entre linguagem e mundo. Nessa concepção, ao invés de se privilegiar a relação entre linguagem e coisas, focaliza-se a relação intersubjetiva e social em que, durante as práticas e ações postas em curso nos enunciados, são criadas versões de mundo. O problema deixa de ser, então, como a informação é transmitida, ou como as coisas do mundo são representadas de forma correta, e passa a ser a busca de “como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20).

Dessa forma, o processamento de texto depende tanto de características textuais quanto de características sociocognitivas dos sujeitos em interação.

Na concepção de referenciação, o objeto de análise é a atividade de linguagem realizada por sujeitos históricos e sociais em interação; sujeitos que constroem mundos textuais cujos objetos não espelham fielmente o mundo real, mas são

inteiramente e discursivamente constituídos em meio a práticas sociais, ou seja, são objetos de discurso. Sendo assim, a relação entre língua e mundo pode ser interpretada, e não somente aferida por referentes que representam ou autorizam a representação do mundo.

Seguindo essa perspectiva cognitiva, o signo linguístico, então, não corresponde à mesma representação da realidade em cada situação comunicativa, mas, sim, a um objeto de discurso construído no processo de interação de acordo com a formação linguística dos participantes, a fim de construir o sentido pretendido pelo falante.

Para Koch (2006), a referenciação reporta-se a diversas maneiras de introduzir no texto novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão referencial. Vale lembrar que os referentes já existentes podem ser modificados e expandidos de modo que, durante o processo de compreensão, se cria, na memória do leitor ou ouvinte uma representação complexa pelo acréscimo sucessivo de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente.

A referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva. O sujeito opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com sua proposta de sentido. Em vez de referenciar uma realidade preexistente, nos textos, são introduzidos objetos de discurso – os referentes – que são construídos interativa e cognitivamente pelos sujeitos falantes por meio de estratégias de categorização e recategorização, afinal,

Os objetos de discurso são dinâmicos, isto é, uma vez introduzidos, vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual (KOCH, 2008, p.101).

Destaca-se, então, que na construção dos referentes textuais, estão envolvidas as seguintes estratégias básicas de referenciação, apresentadas por Koch 2009a, p. 125-126:

**Introdução (construção):** ocorre quando um “objeto” até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o representa é posta em foco.

Koch (2008) indica que o primeiro passo da construção textual ocorre com a ativação de um objeto de discurso, que passará a ocupar um endereço cognitivo e permanecer em foco, disponível para retomadas e remissões. Geralmente, a introdução se dá pelo uso de ou um nome próprio, quando há a nomeação do objeto; ou de uma expressão nominal, quando há uma primeira categorização do objeto de discurso, “o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais” (KOCH, 2008, p. 112). Ainda de acordo com a autora, existem casos de a introdução acontecer pelo uso de um pronome catafórico - um recurso bastante utilizado em textos retóricos, em narrativas de suspense e em matérias opinativas de periódicos. “Protela-se a enunciação do objeto, com o fim de convidar o interlocutor a uma especulação sobre qual seria, afinal, o objeto em tela”. (KOCH, 2008, p. 102).

A ativação do objeto de discurso pode acontecer de duas formas: não ancorada ou ancorada. A *ativação não ancorada* ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto, sem qualquer âncora, passando a ocupar um nódulo cognitivo no interlocutor.

Já a *ativação ancorada* ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto, em virtude de algum tipo de associação com elementos (âncoras cognitivas) presentes no contexto, passível de ser interpretada por associação e/ ou inferenciação. Estão, entre esses casos, as anáforas associativas e as anáforas indiretas. Para Koch (2004), nesse grupo também entram as nominalizações:

são casos de ativação ancorada as anáforas indiretas e associativas, bem como as expressões anafóricas por meio das quais se criam novos objetos de discurso, ao operar-se a sumarização/ encapsulamento de segmentos textuais, quer por meio de pronomes neutros (isto, isso, aquilo, o), quer por meio de

expressões nominais, quando, então, ocorre a rotulação (KOCH, 2008, p. 102-103).

As anáforas *associativa* e *indireta* são formas de introdução de objeto de discurso no contexto, uma vez que antes delas serem introduzidas no contexto, só há pistas textuais que serão complementadas com a sua introdução no texto.

**Retomada (manutenção):** quando um objeto já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permaneça em foco.

**Desfocalização:** ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), ou seja, ele continua disponível para utilização imediata sempre que necessário.

Dessa forma, referentes já existentes podem ser modificados de modo que, durante o processo de compreensão, vai-se criando na memória do leitor ou ouvinte uma representação complexa pelo acréscimo sucessivo de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente (KOCH, 2009A, p. 126)

Para complementar as estratégias de referenciação durante o processo de retextualização, também foi necessário recorrer às noções sobre pontos de vista, fundamentais para desenvolver o processo com eficácia. Afinal, para mudar o foco narrativo, é importante reconhecer outros pontos de vista existentes no texto.

Disto resulta a dinâmica e a complexidade na expressão do ponto de vista, que grosso modo concerne aos fenômenos de representação linguística de falas, de pensamentos e de percepções (Rabatel 2008). A compreensão do ponto de vista como representação do discurso de si e do discurso implica reconstrução do sentido e de algum modo reformulação, o que vai além do “dito” ou daquilo que foi declarado. Sendo assim, o ponto de vista compreende a (re)apresentação de um conteúdo que, apreendido por um sujeito enunciador e

representado por ele mesmo e/ou por outro, reconstrói no entrecruzamento de saberes, pensamentos, falas, crenças, atitudes e experiências, que podem ser expressos das mais diversas maneiras.

## 2.1 Funções das expressões referenciais

Ao participarem de uma atividade interacional, os indivíduos representam pontos de vista, ou seja, exprimem relações entre si e afirmam posições. Nesse momento, destaca-se o fenômeno da heterogeneidade discursiva, afinal, o locutor/enunciador coloca em cena múltiplos pontos de vista que dialogam entre si. Esta questão é complexa e evidencia a dimensão dialógica do ponto de vista, que se desenvolve a partir dos objetos de discurso dos sujeitos.

Sendo assim, a construção de objetos de discurso afirma traços de um diálogo interior do sujeito consigo mesmo e com os outros. Cortez e Koch (2013) partem do pressuposto de que os objetos de discurso são reveladores de pontos de vista, e seu modo de apresentação é um meio pelo qual se pode apreender a subjetividade. Além disso, pelo ato de compreensão da referência, os sujeitos dão sentido às suas experiências e representações, à sua identidade e à sua posição.

“A referenciação dos objetos de discurso articula-se com a maneira como o locutor/enunciador se posiciona em seu discurso” (Rabatel, 2005, p. 118 apud Cortez e Koch, 2013) e o mesmo ocorre com as seleções que determinam o modo de apresentação dos referentes. Ainda de acordo com Rabatel (2008, p. 121 apud Cortez e Koch, 2013), as escolhas são “altamente reveladoras do ponto de vista do enunciador”, e origina mais uma evidência de que o modo de apresentação dos referentes comporta saberes e marcas de um modo de falar e pensar próprio de um enunciador. Vale ressaltar que, de um ponto de vista cognitivo, na construção dos objetos de discurso, um ponto de vista revela uma fonte enunciativa e denota, direta ou indiretamente, os seus julgamentos sobre os referentes.

Em palavras de Cortez (2005, p. 321), compreendemos que essa estratégia, “desempenha papel importante para a construção do ponto de vista, testemunhando, pela seleção lexical, uma instância discursiva, a partir da qual

os fatos são apreendidos e os objetos de discurso, designados”. Ou seja, na categorização e na recategorização dos objetos de discurso, as expressões nominais ganham notoriedade, pois refletem a negociação entre os interlocutores.

Assim, um mesmo objeto de discurso pode ser categorizado e recategorizado em diferentes situações interativas, por diferentes sujeitos, e até pelo mesmo sujeito, pois as cadeias referenciais são construídas à luz das influências contextuais que circulam e envolvem as ações de linguagem, de acordo com o propósito comunicativo que emerge da negociação entre os interlocutores, adequando-se para construir um efeito de sentido.

A proposta de retextualização abordada neste trabalho apresenta este processo como uma atividade autêntica que aponta para a capacidade de seu produtor em elaborar um novo texto partindo de um já existente. Sendo assim, a influência do ponto de vista é responsável por alterações e adaptações no novo texto. “Esta atividade provoca um novo enquadre no texto-base e, mesmo buscando manter os traços pertencentes a este, o retextualizador, ao promover adaptações, interfere na própria configuração já existente.” (COELHO, 2013, p. 47).

Koch (2001) denomina *formas nominais* como sendo formas linguísticas constituídas, minimamente, de um determinante seguido de um nome. A autora destaca seu interesse pela estrutura e pela função desses grupos nominais com função referencial, especialmente pela questão da seleção do determinante – artigo ou demonstrativo – bem como seu comportamento textual-discursivo. Koch dá atenção especial aos casos de *descrição definida* e às *formas resultantes de nominalizações*, e também às expressões que funcionam como *anáforas indiretas*.

Sabe-se que, ao utilizar-se a estratégia da descrição definida, ocorre uma seleção das propriedades passíveis de serem atribuídas a um referente da forma mais relevante para o locutor, consoante ao seu projeto de dizer e à situação discursiva. Além disso, as estratégias de nominalização possibilitam a construção de conjuntos de informações sobre objetos de discurso presentes

no texto precedente. Já as anáforas indiretas, caracterizam-se pelo fato de serem elementos de relação, a qual se pode denominar *âncora*. Esses elementos são essenciais para a interpretação, pois se encontram em dependência de certas expressões da estrutura textual em desenvolvimento, e isso “permite que seus referentes sejam ativados por meio de processos cognitivos inferenciais que mobilizam conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores” (KOCH, 2001, p.76).

Ainda de acordo com Koch, as anáforas indiretas são responsáveis por dois fatores básicos de progressão textual: a introdução de novos referentes e a retomada ou reativação, que contribui para a continuidade referencial. Além disso, as anáforas indiretas desempenham papel importante na construção da coerência. A autora ressalta que a progressão referencial também pode realizar-se pelo uso de expressões nominais indefinidas com função anafórica, e não apenas pela introdução de novos referentes textuais. O exemplo a seguir fundamenta essa colocação:

(2) “Leio no jornal a notícia que um homem morreu de fome (...)

“Um homem morre em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa – não é um homem. E outros homens cumprem o seu destino de passantes, que é o de passar. (...)” (Sabino, F., *A mulher do vizinho*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1962, apud KOCH 2001, p. 77).

Dentre as principais funções das formas nominais referenciais na progressão textual, Koch (2001) destaca as seguintes:

**Cognitivas** (formas referenciais definidas) – como formas de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo co-texto precedente, elas possibilitam a sua (re)ativação na memória do interlocutor. Elas também apresentam função predicativa (ao operarem uma recategorização do referente, e quando se tratam de nominalizações, das informações-suporte). Trata-se de formas híbridas referenciadoras e



predicativas, ou seja, são formas que veiculam informações dadas e informações novas.

**Encapsulamento ou sumarização** – função própria das nominalizações que resumem as informações-suporte contidas em segmentos precedentes do texto, encapsulando-as como um substantivo-predicativo e transformando-as em objetos de discurso. Segundo Schwarz (2000, apud Koch 2001), trata-se de anáforas complexas que nomeiam referentes textuais abstratos – estado, fato, evento, atividade. São nomes núcleo inespecíficos, que requerem realização lexical no cotexto. Para que haja especificação, é necessário constituir uma seleção particular dentre uma infinidade de lexicalizações possíveis. Isso é efetuado a partir das proposições veiculadoras das informações suporte. Para interpretar essas anáforas, o receptor deve utilizar estratégias cognitivas e sua capacidade de interpretar informações adicionais. Tais expressões nominais são, em sua grande maioria, introduzidas pelo demonstrativo e exercem duas funções: rotular uma parte do cotexto e estabelecer um novo referente.

**Organização textual:** nesse contexto, as formas nominais referenciais atuam em dois níveis: o *microestrutural* – no qual as formas nominais constituem recursos produtivos na construção da textualidade e podem funcionar anafórica e cataforicamente e, em certos casos, podem ser simultaneamente anafóricos e catafóricos. E o *macroestrutural* – “as formas remissivas nominais têm uma função organizacional importante, já que elas sinalizam que o autor do texto está passando para um estágio seguinte de sua argumentação, fechando o anterior por meio de seu encapsulamento em uma forma nominal” (KOCH, 2001, p. 78). Sendo assim, apresentam função importante na introdução, mudança ou desvio de tópico, além da ligação entre os tópicos e subtópicos.

## 2.2 Categorização e recategorização de objetos de discurso no processo de referenciação

O ato de referenciar é utilizado no processamento das informações para ativar, na memória do leitor, suas representações mentais sobre determinado tema ou objeto. Sendo assim, a categorização consiste em uma estratégia de

referenciação derivada da relação cognitiva do enunciador com o seu meio social. Para o leitor ativar parte do seu conhecimento prévio relevante no momento para o tema em questão, é necessário que ele saiba do que se fala naquele momento. Sobre isso, Schnotz (2009, p. 175- 176) afirma que “O leitor precisa dirigir o foco da sua atenção sempre para o tema atual e, no caso de uma mudança de tema, precisa deslocar esse foco conforme as circunstâncias”.

Ou seja, para que o texto seja compreendido não estão envolvidos apenas os significados literais das palavras, mas o valor que elas carregam em determinado contexto, em determinada cultura. Nesse sentido, Marcuschi (2008, p. 76) declara que “a língua não tem autonomia sintática, semântica e cognitiva. O texto não é simplesmente um artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos”.

Dessa forma, “o texto é uma construção que cada um faz a partir da relação que se estabelece entre enunciador, sentido/referência e coenunciador, num dado contexto sociocultural” (CAVALCANTE, 2011, p. 17); sendo a referência algo construído pelo contexto.

A ação de categorizar envolve práticas discursivas e cognitivas de sujeitos sociais e culturalmente situados que constroem versões próprias de mundo. Mondada & Dubois (2003), falam sobre a instabilidade categorial na relação entre os objetos do mundo e sua referência. Para elas, as categorias empregadas para descrever o mundo sofrem mudanças sincrônicas e diacrônicas, seja em discursos comuns ou em discursos científicos, “elas são múltiplas e inconscientes; são controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente”. (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 22).

Ainda consoante às autoras, a categorização não é preexistente, nem dada, mas reelaborada de acordo com os contextos das atividades interativas, em que são levadas em conta para a negociação do sentido as operações cognitivas ancoradas, e as atividades verbais e não verbais dentro daquela interação. Assim, Mondada & Dubois (2003) sugerem que

no lugar de pressupor uma estabilidade a priori das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20).

Partindo dessa proposta, o problema já não é mais o fato de como a informação é transmitida, ou como as coisas do mundo são representadas de forma correta, e sim a busca de “como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20).

Isso implica uma visão de sujeito sociocognitivo, que funda seus sentidos mediante uma relação indireta com o mundo e o discurso: “este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente as categorias manifestadas no discurso” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20). Dessa forma, os sistemas cognitivos humanos parecem adaptados à flexibilidade das categorias, já que sempre que o contexto discursivo é reenquadrado, as categorias podem ser reavaliadas e podem sofrer transformações.

Sendo assim, os sujeitos constroem categorias flexíveis e instáveis por meio de processos de categorização complexos, resultados de um construto sociocognitivo. Então, são produzidas categorias potencialmente memorizadas e lexicalizadas. (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 35). Um indício dessa negociação no modo de conceber e de denominar os referentes é a atitude de refletir sobre o próprio dizer ao selecionar as expressões referenciais de acordo com a audiência, com os propósitos comunicativos, com o contexto imediato, etc. “Essa negociação repercute nas não coincidências do dizer e nas estratégias usadas para marcá-las, isto é, repercute na escolha de pistas que assinalam vozes diferentes, pontos de vista distintos num mesmo enunciado”. (CAVALCANTE, 2011, p. 28).

Sabe-se que a referenciação é uma atividade discursiva e, por isso, Mondada & Dubois (1995, apud Koch 2008) postulam a instabilidade das relações entre palavras e coisas. As autoras alertam, ainda, que as categorias das quais

dispomos para descrever o mundo modificam-se sincrônica e diacronicamente, seja nos discursos ordinários, ou nos de cunho científico.

Em ambos os casos, as categorias são plurais e mutáveis, e não fixadas normativa e historicamente. Então, “deve-se considerar a referência aos objetos do mundo físico e natural no seio de uma concepção geral dos processos de categorização discursiva e cognitiva tal como são considerados nas práticas situadas dos sujeitos” (KOCH, 2008, p. 100).

Dessa forma, a língua não existe fora dos sujeitos sociais, nem fora dos eventos discursivos capazes de mobilizar as percepções, os saberes linguísticos, sócio-cognitivos e os modelos de mundo desses mesmos sujeitos. Acrescenta-se a isso, o fato de que tais modelos de mundo

não são estáticos, (re)construem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário mobilizar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos –, bem como situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos (KOCH, 2008, p. 101).

Sendo assim, a referenciação e também a progressão referencial fundamentam-se na construção e reconstrução de objetos-de-discurso, que são produtos da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes. Por esse motivo, salienta-se, mais uma vez, que os objetos de discurso são dinâmicos e, quando introduzidos no texto, sofrem modificações, são desativados, reativados, recategorizados e, dessa forma, constroem-se ou reconstroem os sentidos do texto.

### **2.2.1. Estratégias de progressão referencial**

As estratégias de progressão referencial permitem a construção, no texto, de cadeias referenciais pelas quais se procede à categorização ou

recategorização discursiva dos referentes. Koch (2006, p.85) distingue as seguintes estratégias:

a. uso de pronomes

A referenciação pode realizar-se por intermédio de formas gramaticais que exercem a “função pronome” (pronomes propriamente ditos, advérbios pronominais). Essa operação – descrita pela literatura linguística como *pronominalização* (anafórica ou catafórica) de elementos co-textuais possui, principalmente no que se refere à fala, características particulares, pois pode ocorrer sem um referente co-textual explícito. Koch (2006, p. 86) cita alguns exemplos para ilustrar essa colocação:

(2) Os heróis estão lutando para ver qual tem mais força. De repente, *e/les* cortam e passam para o quadrinho seguinte, onde já se vê um deles nocauteado, desmaiado no chão.

(3) No nordeste brasileiro, *e/les* têm as mais belas praias do mundo.

(4) Meu filho não está indo bem na escola. *E/les* dizem que ele é muito desatento e quase nunca faz as tarefas de casa.

Nos exemplo, observa-se que o pronome *e/les* faz referência a indivíduos que não estão diretamente designados, mas inferíveis (nos exemplos citados, os autores das histórias em quadrinhos, os habitantes do nordeste brasileiro e os professores). Isso demonstra que operamos com processos cognitivos e discursivos, sendo o discurso o espaço de onde extraímos o conteúdo inferido. Os referentes são induzidos por um conjunto de informações textualmente construídas.

b. uso de expressões nominais definidas

Além das funções das expressões referenciais já citadas, as expressões nominais ou nominalizações também ganham espaço no que diz respeito às estratégias de progressão referencial. Sabe-se que é necessário inserir um objeto de discurso na memória textual para iniciar a construção do texto. Quando essa introdução ocorre por meio de um nome próprio, acontece

apenas a nomeação do objeto. “Já no caso de se tratar de uma expressão nominal, opera-se uma primeira categorização do objeto de discurso, o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais.” (KOCH, 2008, p. 102).

De acordo com Aphoteloz (2003, p. 71), é possível observar que as anáforas por nomeação podem se apresentar das seguintes formas: ou remetendo ao conteúdo proposicional ou ao ato de fala realizado por meio da enunciação desses conteúdos. Dessa forma, é possível compreender que as expressões nominais podem ser consideradas mais do que simples retomadas de referentes, já que estão relacionadas a elementos implícitos no texto. A respeito do uso de expressões nominais, Koch (2005 p. 35) afirma que:

[...] O emprego de uma descrição nominal, com função de categorização ou de recategorização de referentes, implica sempre uma escolha entre a multiplicidade de formas de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor do texto.

Com respaldo nos estudos de Koch (2005), vale salientar que a análise da construção dos objetos de discurso se dá pela ocorrência de fatores contextuais envolvidos na tessitura textual que, por sequências nominativas, podem ser associados a segmentos da realidade por meio dos aspectos semânticos resultantes de elementos cognitivos, linguísticos e inferenciais. Segundo a autora, o emprego de expressões nominais anafóricas maneja a recategorização dos objetos de discurso, isto é, esses objetos serão reconstruídos de determinada forma, de acordo com a intenção de dizer do enunciador.

Ainda dentro das atividades de categorização e recategorização, destaca-se o uso de expressões nominais definidas ou descrição definida. De acordo com o conceito apresentado por Koch (2011, p. 86, 87), “denominam-se expressões ou formas nominais definidas, as formas linguísticas constituídas, minimamente, de um determinante (definido ou demonstrativo), seguido de um nome.”. A autora também afirma que escolher certa descrição definida pode

trazer informações importantes sobre opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto ao leitor ou ao ouvinte, auxiliando-o na construção do sentido. Dessa forma, o estudo analítico direcionado às expressões nominais ganha relevância a partir da verificação das escolhas lexicais, realizadas por meio das negociações entre os interlocutores. Vale lembrar que as expressões nominais estão ligadas ao acervo existente na memória discursiva de quem produz o texto que, pela escolha dos elementos lexicais, expressa sua intenção comunicativa com o objetivo de construir a realidade que deseja transmitir. Cortez (2005) afirma que essa estratégia desempenha um papel importante na construção do ponto de vista.

Também é importante ressaltar que a orientação da diversidade de significados (semânticos) que os léxicos carregam orienta a escolha das expressões nominais, e isso se relaciona à manutenção de sentido do texto, afinal, por meio do emprego dos vocábulos, é possível identificar características dos falantes, já que eles posicionam seu ponto de vista de acordo com os fatores contextuais que envolvem a tessitura textual.

Assim, um mesmo objeto de discurso pode ser categorizado e recategorizado em diferentes situações interativas, por diferentes sujeitos, e até pelo mesmo sujeito, pois as cadeias referenciais são construídas sob as influências contextuais que circulam e envolvem as ações de linguagem, estando em conformidade com o propósito comunicativo que surge da negociação entre os interlocutores.

É importante ressaltar, de acordo com Koch (2008), os casos em que a categorização e recategorização do objeto de discurso por meio de expressões nominais não ocorre na parte temática do enunciado (a partir de introduções, retomadas e remissões), mas em aposições, a partir do acréscimo de novas informações sobre o tema na própria sequência do discurso. “No caso dos predicativos (do sujeito e do objeto), quando representados por expressões nominais, a (re)categorização se opera no interior da predicação, isto é, no próprio fio do discurso.” (KOCH, 2008, p. 112). Para exemplificar esta situação,

a autora cita como exemplos as categorizações e recategorizações sobre o personagem Lampião:

Lampião, **o mais famoso cangaceiro do nordeste**, é uma **figura altamente controversa**. Para uns, é **um santo, pai dos pobres, grande justiceiro**. Já outros o consideram **um verdadeiro demônio, um gênio de maldade, violento e cruel**. De qualquer maneira, ele é **um dos mais importantes vultos da história dessa região de nosso país**. (KOCH, 2008, p. 112).

Sendo assim, é importante frisar a relevância das expressões nominais nos processos de construção, categorização e recategorização dos objetos de discurso, afinal, elas auxiliam tudo o que se encontra na base referencial do texto, seja de forma explícita ou implícita. Vale lembrar que as expressões nominais também se encarregam do desenvolvimento do tópico discursivo e da orientação argumentativa do texto, ou seja, elas são elementos essenciais na construção textual dos sentidos.

#### c. cadeias referenciais

Koch (2010, p. 144) afirma que, quando remetemos seguidamente a um mesmo referente ou a elementos estreitamente ligados a ele, formamos, no texto, *cadeias anafóricas* ou *referenciais*. Esse movimento de retroação a elementos já presentes no texto – ou passíveis de serem ativados a partir deles – constitui um princípio de construção textual e praticamente todos os textos possuem uma ou mais cadeias referenciais. Como exemplo, a autora cita as **sequências descritivas**, nas quais haverá pelo menos uma cadeia relativa ao elemento que está sendo descrito. Para reforçar essa ideia, são apresentados os seguintes exemplos:

Pequenas biografias

SÃO PAULO – sumária vista d'olhos sobre figuras de proa da era Lula no Legislativo:

1. **João Paulo Cunha. Foi o primeiro presidente da Câmara** na então nova era. Hoje é **réu** acusado de peculato [...].



2. **Severino Cavalcanti.** Foi o segundo presidente da Câmara [...].
3. **Renan Calheiros.** Atual presidente do senado. Candidato certo ao livro dos recordes no quesito desfaçatez [...].
4. **Professor Luizinho** – Foi líder do governo na Câmara [...] agora é réu acusado de lavagem de dinheiro.

### 3. O GÊNERO CONTO: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como gênero literário, o conto apresenta grande flexibilidade em sua forma narrativa, pois o seu objetivo é levar o leitor ao desfecho, que coincide com o ponto mais elevado da história com o máximo de tensão e o mínimo de descrição.

O conto geralmente trata de apenas uma determinada situação e não de várias que possibilita uma leitura proveitosa e rápida por apresentar poucas páginas, mas uma riqueza enorme de um gênero narrativo.

As conceituações acerca sobre gênero não são recentes, desde os retóricos e os estudiosos da literatura antiga ou clássica as concepções de gênero já se apresentavam, de forma diversa do que são hoje.

De acordo com Marcuschi (2009, p. 147): “o estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão.”.

Durante muito tempo, os Gêneros foram estudados numa perspectiva dos gêneros literários. No passado, o discurso oral ou escrito era estudado também numa concepção retórica. Nesta percepção, consideravam-se os elementos da comunicação indispensáveis para a realização do gênero: “ter o que dizer”, “ter alguém interessado na mensagem”, e “saber lidar com o modo de dizer”. Não se visava à palavra Gênero, na retórica, mas discurso escrito ou oral, ou ainda, discurso religioso, político, etc.

Vale ressaltar que Marcuschi (2009) afirma que os gêneros não são entidades naturais, mas artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. O autor ainda define Gênero Textual como uma noção vaga para os textos materializados encontrados no dia-a-dia e que apresentam características sócio-comunicativas definidas pelos conteúdos, propriedades funcionais, estilo e posição característica. Ele afirma que a abordagem textual a partir dos Gêneros Textuais, está diretamente ligada ao ensino e que o trabalho com o gênero é uma grande oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia.

Bronckart define a relação entre gêneros textuais e as práticas sociointeracionais que nele se constituem. Segundo Meurer e Motta-Roth (2002), o autor denomina da seguinte forma a relação entre gêneros textuais e as práticas sociointeracionais que nele se constituem:

Descrever e explicar os gêneros textuais relativamente às representações, relações sociais e identidades neles embutidas poderá servir para evidenciar que, no discurso, e através dele, os indivíduos produzem, reproduzem, ou desafiam as estruturas e as práticas sociais onde se inserem (MEURER E MOTTA-ROTH, 2002. p. 28).

O conto é publicamente um gênero literário de difícil definição, e as teorizações por parte de escritores e críticos sobre esse tema atingem grande número e diferentes graus de complexidade, considerando o problema em diferentes contextos, a evolução da concepção do conto e nas diferentes culturas e países.

Conforme Poe (1987, p. 147-163), “O conto é uma narração curta em prosa que requer de meia hora a uma hora e meia ou duas de leitura”. Por esse motivo, entre suas principais características, estão a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total.

Já Gotlib (2006, p. 16) afirma que “O conto é uma narrativa breve; desenrolando um só incidente predominante e um só personagem principal, contém um só assunto cujos detalhes são tão comprimidos e o conjunto do tratamento tão organizado, que produzem uma só impressão”.

Sendo assim, observa-se que o conto é um gênero conciso produzido em ambientes diversificados que cria um universo de seres e acontecimentos fictícios e por envolver as mais variadas temáticas retrata a vida através da arte. Nesse sentido, Bosi (1975, p.31) argumenta que o conto funciona como uma espécie de “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária”, e por deter uma pequena extensão, ao ser mais curto que a novela e o romance, é capaz de expressar de forma breve o conflito que o envolve. Em que, segundo Cortázar, (2006, p.151) “o conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar limite físico”, no sentido de que sua breve

extensão é uma de suas principais “marcas” definidoras e com o mínimo de meios, como defende Gotlib (2006), consegue-se o máximo de efeitos, pois tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido no gênero conto.

### 3.1. O conto “os irmãos Dagobé”, de Guimarães Rosa

O conto se inicia durante o velório de Damastor Dagobé, “o mais velho dos quatro irmãos, absolutamente facínoras” (ROSA, 2005, p.71). Todos preferiam ficar perto do defunto, já que temiam mais ou menos os três vivos. Damastor era tido como o grande pior, o cabeça, ferrabrás e mestre, que botara na obrigação da ruim fama os mais moços – ‘os meninos’, segundo seu rude dizer. Os outros irmãos eram Derval, Doricão e Dismundo.

Damastor foi morto em legítima defesa por Liojorge, homem pacato e honesto, ameaçado por Damastor. Após o fato, tudo indicava, e todos acreditavam, que os irmãos vivos buscariam a vingança imediatamente. Porém, eles iniciaram os preparativos para o enterro do irmão. O narrador acentua este sentimento: “Sangue por sangue; mas, por uma noite, umas horas, enquanto honravam o falecido, podiam suspender as armas, no falso fiar. Depois do cemitério, sim, pegavam o Liojorge, com ele terminavam”. (ROSA, 2005, p.72).

Durante o velório, os irmãos conversavam em voz baixa. Neste momento chega a informação de que Liojorge gostaria de ir até o velório para provar que seu ato não havia sido desleal. O narrador expõe a surpresa ao saber da notícia, e mais ainda por saber que os outros irmãos não se opuseram ao fato. Após o velório, Liojorge chega e se propõe a carregar o caixão. O narrador estimula a ideia de que os irmãos iriam se vingar: “E, agora, já se sabia: baixado o caixão na cova, à queima-bucha o matavam.” (ROSA, 2005, p.73). Damastor foi enterrado. Entretanto, Doricão fala a Liojorge: “Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso irmão é que era um diabo de danado...” Ele ainda agradece a presença de todos antes de dizer o que a família faria: “A gente, vamos'embora, morar em cidade grande...”.

A noção de desgraça, junto ao cenário do velório e à descrição do caráter duvidoso dos irmãos, estabelece as linhas gerais da narrativa, orientando a

expectativa do leitor, que se fixa nas ideias de tragédia e de morte. De acordo com Bellin (2011), todos estes elementos encontram-se articulados em uma atmosfera conferida pelo pequeno espaço da casa e também pela cisma em relação aos irmãos vivos, que parece confirmar a personalidade perversa da família, uma vez que os convidados preferem ficar perto do irmão que estava morto, já que ele não oferecia mais perigo algum.

Ironicamente, Damastor era o pior dos três irmãos, que obrigava os mais novos a viver uma vida de banditismo, o que parece sugerir a existência de um poder patriarcal e bastante inflexível. A descrição do rosto do defunto reforça tal impressão e a presumida maldade do primogênito: “[...] só aquela careta sem querer, o queixo de piranha, o nariz todo torto e seu inventário de maldades” (ROSA, 2005, p.71). “Este efeito é único e singular na narrativa, uma vez que, assim como o matador, o leitor fica no aguardo de uma possível retaliação, tendo quase a certeza de que ela vai ocorrer em algum momento.” (BELLIN, 2011 p.12).

Esta tensão prende a atenção de quem lê o conto, sendo retificada pelo caráter aglutinante da narrativa: como ela é muito breve (apenas cinco páginas) sabe-se que o desfecho irá ocorrer logo, o que parece garantir a unidade de efeito. Conforme a narrativa prossegue, há a certeza de que Liojorge será assassinado assim que se encerre o enterro do finado. Tal ideia é reforçada pelo fato de que, de acordo com o narrador, os irmãos passam pouco tempo afastados uns dos outros, e parecem estar confabulando a respeito de algo.

Novamente vem à tona a noção de que Liojorge encontra-se sozinho e sem defesa alguma, até que um recado muda a situação. O matador manda dizer que assassinou Damastor em legítima defesa e se dispõe a apresentar-se desarmado no velório de seu inimigo. Esta informação causa surpresa no leitor, provocando uma reviravolta na narrativa. O narrador declara que Liojorge deveria ter enlouquecido ao ter esta ideia, até porque o local onde se passa a narrativa se caracteriza pela ausência de autoridade e, desta forma, não haveria meios de evitar uma tragédia maior. Assim, o narrador reforça sua preocupação em relação ao destino do matador, uma vez que parece nutrir

uma simpatia por ele pelo fato de saber que o assassinato se deu em legítima defesa.

Essas informações, além de situar o leitor no ambiente peculiar da narrativa, deixam-no na expectativa do desfecho, alimentada pela quase certeza de que Liojorge será assassinado pelos irmãos. No entanto, uma informação ainda mais surpreendente espanta a todos no velório de Damastor Dagobé: Liojorge deseja carregar uma das alças do caixão do defunto. O narrador, mais uma vez, reforça o caráter inesperado da situação, e a expectativa do leitor aumenta mais ainda quando a tampa do é fechada e tem início o cortejo que conduzirá ao cemitério. Naquele momento, todos, em cochicho ou em silêncio, se entendiam, curiosos. “O Liojorge, esse, sem escapatória. Tinha de fazer bem a sua parte: ter as orelhas abaixadas. O valente, sem retorno. Feito um criado. O caixão parecia pesado. Os três Dagobés, armados. Capazes de qualquer supetão, já estavam de mira firmada. Sem se ver, se adivinhava. E, nisso, caía uma chuvinha. Caras e roupas se ensopavam.” (BELLIN, 2011, p.15) “O Liojorge – que estarrecia! – sua tenência no ir, sua tranquilidade de escravo. Rezava? Não soubesse parte de si, só a presença fatal”. (ROSA, 2005, p. 75).

A partir da leitura deste trecho, é reforçada, mais uma vez, a situação desvantajosa de Liojorge, que assume uma postura de submissão. Sua coragem é aparentemente questionada, uma vez que o “valente” se transforma em um “criado”, em um “escravo”. Os Dagobés, por outro lado, estão a postos para matá-lo, o que exacerba a curiosidade do povo pela tragédia que, com quase toda a certeza, irá ocorrer. Todos estes elementos fazem com que a narrativa atinja o seu ápice de tensão, reforçada pela curiosidade das pessoas que acompanham o cortejo. Após o sepultamento de Damastor, vem a pergunta crucial: “E agora?” Liojorge já enxerga “sete palmos de terra, dele diante do nariz” (ROSA, 2005, p. 75). É certo que será assassinado. Os irmãos esperam que Doricão, o mais velho, tome a iniciativa. Nesse sentido, o narrador questiona: “Levou a mão ao cinturão? Não”. E o imprevisto acontece: Doricão decide não matar Liojorge: “Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso Irmão é que era um diabo de danado [...]” (ROSA, 2005, p. 75).

O enterro se encerra juntamente com a perplexidade do leitor, que tinha por certa a morte do assassino, mas “experimenta uma inversão de valores: a culpa maior era daquele que morrera, que era, na realidade, o vilão da história. Desta forma, Rosa frustra as expectativas do leitor, mas, ao mesmo tempo, o surpreende, uma vez que não se lançou mão de vingança e de violência para resolver um problema”. (BELLIN, 2011, p. 15) O problema maior era o defunto, “um diabo de danado”, que obrigava os outros irmãos a levar uma existência amoral. Há ainda, nas últimas linhas da narrativa, a referência a uma possível nova vida na cidade, o que parece apontar para a superação do modelo de vida patriarcal no qual viviam os irmãos e para a necessidade de se libertar de um cotidiano supostamente atroz.

## 4. METODOLOGIA E DADOS

### 4.1 Composição do *corpus* de análise

A base para a produção do *corpus* apresentado nesta dissertação foi um trabalho realizado pela disciplina Comunicação e Expressão Verbal da PUC/SP no primeiro semestre de 1982, que rendeu a produção de um livreto simples, que divulga apenas as produções dos alunos, sem qualquer informação extra, além dos nomes dos organizadores. No livreto consta que “a partir de um trabalho de leitura com o livro “Missa do galo – variações sobre o mesmo tema” os alunos reescreveram o conto “O peru de Natal”, de Mário de Andrade”. Além disso, encontra-se a seguinte colocação: “A criatividade – manifestada ora numa nova visão das personagens, ora numa caracterização diferente deste ou daquele ambiente, ora nas variações de tempo, espaço e ação – se expandiu em direções imprevistas, dando origem a contos surpreendentes” (RECONTANDO UM CONTO, O PERU DE NATAL).

Por meio do trabalho analisado no primeiro momento, o *corpus* desta pesquisa constituiu-se a partir de uma proposta de produção textual aplicada aos alunos do terceiro período do curso de Comunicação Social (2013/2) da Universidade Federal do Espírito Santo, no período em que foi ministrada a disciplina “Práticas de Redação II”, do estágio em docência do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da mesma universidade.

O comando da proposta solicitava dos alunos a leitura e a análise do conto “Os irmãos Dagobé” retirado do livro “Primeiras Estórias”, de Guimarães Rosa. Após a leitura, os alunos deveriam reescrever a história, mantendo o enredo principal, mas modificando o ponto de vista do texto inicial a partir de elementos e pistas linguísticas encontradas no texto.

Ao entrarem em contato com o texto original de Guimarães Rosa, os alunos tiveram a oportunidade de analisar a história, as características dos personagens, além de detalhes que poderiam parecer pouco relevantes, mas que acabaram sendo cruciais para desenvolver a retextualização do conto, já que as minúcias tornaram os textos surpreendentes. Os alunos também foram levados a fazer um levantamento de hipóteses que poderiam justificar a



personalidade e as atitudes de alguns personagens, o que também possibilitou o melhor desenvolvimento da retextualização, afinal, as descrições psicológicas também são indispensáveis na (re)construção das figuras envolvidas no enredo da história.

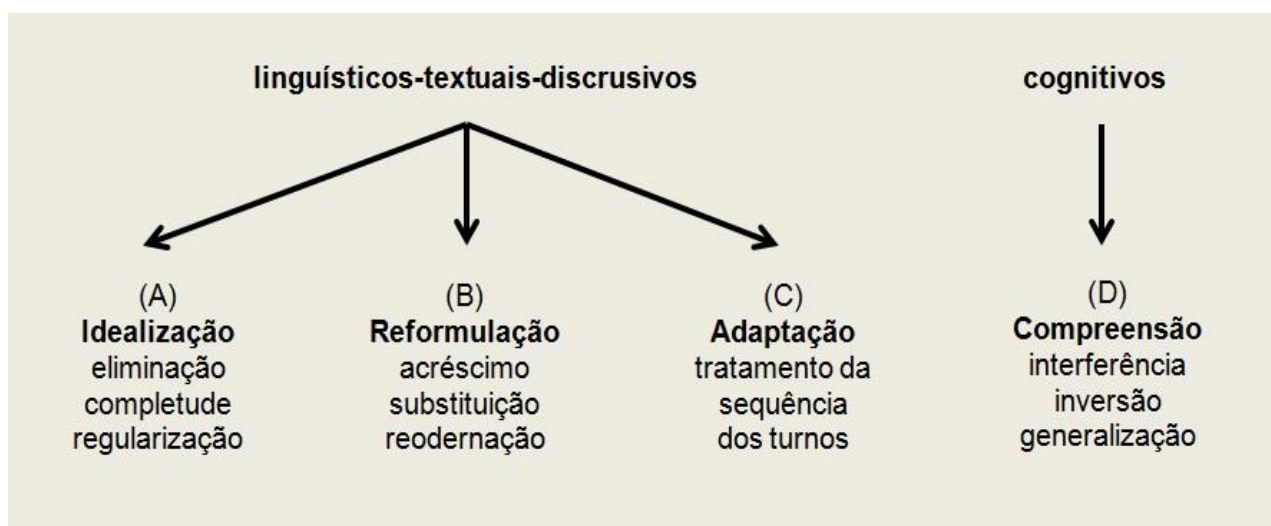
Foi produzido um total de 13 contos, dos quais quatro foram escolhidos para análise, e o critério para selecionar os textos neste trabalho foi, de modo geral, a criatividade dos alunos ao descreverem os personagens, o espaço etc. A escolha do ponto de vista que narra a história também foi um fator de escolha; os contos reescritos cujos pontos de vista desenvolvidos foram de personagens inanimados – como o caixão, por exemplo – contam a história de forma inusitada e chamam atenção por esse motivo.

O conto tem como personagem central o mais velho dos quatro irmãos Dagobé, Damastor. Inicialmente, tem-se a impressão de que os contos narrados giram em torno dos personagens principais, ou personagens vivos, mas os alunos também o reproduziram partindo do ponto de vista de personagens secundários, que pouco aparecem na trama, e inclusive do ponto de vista de objetos inanimados.

Um dos objetivos desta atividade era observar quais aspectos os alunos levariam em consideração ao reescrever a história, de que forma seriam articuladas as informações bem notórias no texto e as informações mais particulares, os detalhes.

Para iniciar o desenvolvimento desta dissertação, num primeiro momento foi necessário levantar teorias sobre produção textual uma vez que, quem produz o texto é, também, um construtor social – seguindo a concepção interacional e dialógica da língua. Ou seja, considera-se a constituição do interlocutor, o que abre espaço para uma “gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como plano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação”. (Koch, 2009a). Isso tornou necessário englobar os estudos sobre gêneros textuais que estão se tornando cada vez mais multidisciplinares.

Dentro desse âmbito, abre-se espaço para as análises que consideram a retextualização como mecanismo de produção textual. Marcuschi (2010) elaborou um esquema que evidencia as operações de retextualização na passagem do texto oral para o texto escrito. Observou-se que essas categorias de análise adaptam-se ao processo de retextualização de texto escrito para texto escrito, dentro de um mesmo gênero textual. Sendo assim, os estudos do autor serão levados em consideração na análise do *corpus* deste trabalho, porém, claro, com as adaptações necessárias. Será reproduzido, mais uma vez, o esquema de Marcuschi:



As análises do *corpus* priorizam as seguintes operações: a) *idealização* – eliminação, completude e regularização; b) *reformulação* – acréscimo, substituição e reordenação, c) *adaptação* – tratamento da sequência de turnos.

Outro aspecto importante que deve ser levado em consideração é a questão da (re)construção de objetos de discurso. Afinal, eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com a percepção social do produtor.

Com o objetivo de traçar os estudos teóricos já existentes sobre a retextualização, foi importante retomar os estudos elaborados para complementar o projeto. Por meio desses levantamentos iniciais, a base científica para ratificar o processo de retextualização estará mais reforçada.



## 5. O PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO E DE (RE) CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO: UMA ANÁLISE DE CONTOS REESCRITOS

A partir da leitura do conto de Guimarães Rosa, “Os irmãos Dagobé”, os alunos do terceiro período do curso de Comunicação Social (2013/2) da Universidade Federal do Espírito Santo, no período em que foi ministrada a disciplina “Práticas de Redação II”, foram instigados a reescrever o conto partindo do ponto de vista de outros personagens envolvidos no enredo da história.

Para transformar o leitor em produtor, foram elaboradas estratégias (baseadas nas estratégias propostas por Dell’Isola (2007) ) para que a retextualização pudesse ser concretizada em texto. São elas: *1- Leitura e seleção de textos do tipo narrativo; 2- Análise de elementos capazes de proporcionar a retextualização do texto selecionado, como, por exemplo, a presença de mais de um personagem; 3 – Retextualização, ou seja, elaboração de um novo texto orientado pela mudança de ponto de vista do foco narrativo; 4 - Identificar se o novo texto atendeu com eficácia a proposta do ato de retextualizar; 5 – Reescrita, a fim de fazer os ajustes necessários para a conclusão da escrita.*

A pesquisa aqui desenvolvida trabalha com as categorizações acerca do personagem “Damastor Dagobé”, pois, em todas as narrativas, ele se mostrou o personagem mais relevante, e foi o objeto de discurso com mais recategorizações feitas, então, por esse motivo, houve a escolha para fazer a análise deste personagem. Além disso, As manifestações do ponto de vista acerca de Damastor guiaram todos os textos.

Para dar início às análises, estão expostas abaixo as categorizações presentes no conto original. Em seguida, seguem as análises de quatro contos retextualizados, que compõe efetivamente o *corpus* deste trabalho. Retifica-se que nas investigações dos processos referenciais não serão feitas análises exaustivas, mas sim de forma a explorar as principais expressões (re)categorizadoras. Vale ressaltar, ainda, que os contos reescritos serão reproduzidos na íntegra e, por esse motivo, não haverá preocupação com possíveis desvios gramaticais.

## 5.1 Damastor Dagobé e suas (re)categorizações no conto original de Guimarães Rosa

Ao entrar em contato com o texto de Guimarães Rosa, percebe-se que Damastor Dagobé é descrito como um homem ruim. Esta qualidade prevalece ao longo da narrativa por conta das categorizações atribuídas ao personagem.

### **Conto original**

#### **TEXTO 1**

Enorme desgraça. Estava-se no velório de Damastor Dagobé, o mais velho dos quatro irmãos, absolutamente facínoras. A casa não era pequena; mas nela mal cabiam os que vinham fazer quarto. Todos preferiam ficar perto do defunto, todos temiam mais ou menos os três vivos.

5 Demos, os Dagobés, gente que não prestava. Viviam em estreita desunião, sem mulher em lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém-finado. Este fora o grande pior, o cabeça, ferrabrás e mestre, que botara na obrigação da ruim fama os mais moços – "os meninos", segundo seu rude dizer.

10 Agora, porém, durante que morto, em não-tais condições, deixava de oferecer perigo, possuindo no aceso das velas, no entre algumas flores – só aquela careta sem-querer, o queixo de piranha, o nariz todo torto e seu inventário de maldades. Debaxo das vistas dos três em luto, devia-se-lhe, contudo, guardar ainda acatamento, convinha.

15 Serviam-se, vez em quando, café, cachaça-queimada, pipocas, assim aos-usos. Soava um vozeio simples, baixo, dos grupos de pessoas, pelos escuros ou no foco das lamparinas e lampiões. Lá fora, a noite fechada; tinha chovido um pouco. Raro, um falava mais forte, e súbito se moderava, e compungia-se, acordando de seu descuido. Enfim, igual ao igual, a cerimônia, à moda de lá. Mas tudo tinha um ar de espantoso.

20 Eis que eis: um lagalhé pacífico e honesto, chamado Liojorge, estimado de todos, fora quem enviara Damastor Dagobé para o sem-fim dos mortos. O Dagobé, sem sabida razão, ameaçara de cortar-lhe as orelhas. Daí, quando o viu, avançara nele, com punhal e ponta; mas o quieto do rapaz, que arranjava uma garrucha, despejou-lhe o tiro no centro dos peitos, por cima do coração.  
25 Até aí, viveu o Telles.

Depois do que muito sucedeu, porém, espantavam-se de que os irmãos não tivessem obrado a vingança. Em vez, apressaram-se de armar velório e enterro. E era mesmo estranho.

Tanto mais que aquele pobre Liojorge permanecia ainda no arraial, solitário em  
30 casa, resignado já ao péssimo, sem ânimo de nenhum movimento.

Aquilo podia-se entender? Eles, os Dagobés sobre-vivos, faziam as devidas honras, serenos, e, até, sem folia, mas com a alguma alegria. Derval, o caçula, principalmente, se mexia, social, tão diligente, para os que chegavam ou estavam: – *"Desculpe os maus tratos..."* Doricão, agora o mais velho, mostrava-se já solene sucessor de Damastor, como ele corpulento, entre leonino e muar,  
35 o mesmo maxilar avançado e os olhinhos nos venenos; olhava para o alto, com especial compostura, pronunciava: – *"Deus há-de o ter!"* E o do meio, Dismundo, formoso homem, punha uma devoção sentimental, sustida, no ver o corpo na mesa: – *"Meu bom irmão..."*

40 Com efeito, o finado, tão sordidamente avaro, ou mais, quanto mandão e cruel, sabia-se que havia deixado boa quantia de dinheiro, em notas, em caixa.

Se assim, qual nada: a ninguém enganavam. Sabiam o até-que-ponto, o que ainda não estavam fazendo. Aquilo era quando as onças. Mais logo. Só queriam Ir por partes, nada de açodados, tal sua não rapidez. Sangue por  
45 sangue; mas, por uma noite, umas horas, enquanto honravam o falecido, podiam suspender as armas, no falso fiar. Depois do cemitério, sim, pegavam o Liojorge, com ele terminavam.

Sendo o que se comentava, aos cantos, sem ócio de língua e lábios, num sussurruído, nas tantas perturbações. Pelo que, aqueles Dagobés brutos só de  
50 assomos, mas treitentos, também, de guardar brasasem pote, e os chefes de tudo, não iam deixar uma paga em paz: se via que estavam de tenção feita.

Por isso mesmo, era que não conseguiam disfarçar o certo solerte contentamento, perto de rir. Saboreavam já o sangrar. Sempre, a cada podido momento, em sutil tornavam a juntar-se, num vão de janela, no miúdo confabulejo. Bebiam. Nunca um dos três se distanciava dos outros: o que era, 55 que se acautelavam? E a eles se chegava, vez pós vez, algum comparecente, mais compadre, mais confioso - trazia notícias, segredava.

O assombrável! lam-se e vinham-se, no estiar da noite, e: o que tratavam no propor, era só a respeito do rapaz Liojorge, criminal de legítima defesa, por 60 mau de quem o Dagobé Damastor fizera passagem daqui. Sabia-se já do quê, entre os velantes; sempre alguém, a pouco e pouco, passava palavra.

O Liojorge, sozinho em sua morada, sem companheiros, se doidava? Decerto, não tinha a experiência de se aproveitar para escapar, o que não adiantava - fosse aonde fosse, cedo os três o agarravam.

65 Inútil resistir, inútil fugir, inútil tudo. Devia de estar em o se agachar, ver-se em amarelas: por lá, borruçado de medo, sem meios, sem valor, sem armas. Já era alma para sufrágios! E, não é que, no entanto...

Só uma primeira ideia. Com que, alguém, que de lá vindo voltando, aos donos do morto ia dar informação, a, substância deste recado. Que o rapaz Liojorge, 70 ousado lavrador, afiançava que não tinha querido matar irmão de cidadão cristão nenhum, puxara só o gatilho no derradelro do instante, por dever de se livrar, por destinos de desastre! Que matara com respeito. E que, por coragem de prova, estava disposto a se apresentar, desarmado, ali perante, dar a fé de vir, pessoalmente, para declarar sua forte falta de culpa, 'caso tivessem 75 lealdade.

O pálido pasmo. Se caso que já se viu? De medo, esse Liojorge doidara, já estava sentenciado. Tivesse a meia coragem? Viesse: pular da frigideira para as brasas. E em fato até de arrepios – o quanto tanto se sabia – que, presente o matador, torna a botar sangue o matado! Tempos, estes. E era que, no 80 Lugar, ali nem havia autoridade.

A gente espiava os Dagobés, aqueles três pestanejares. Só: – "*Dei'stá...*" – o Dismundo dizia. O Derval: – "*Se esteja a gosto!*" – hospedoso, a casa honrava. Severo, em si, enorme o Doricão. Só fez não dizer. Subiu na seriedade. De

receio, os circunstantes tomavam mais cachaça-queimada. Tinha caído outra  
85 chuva, O prazo de um velório, às vezes, parece muito dilatado.

Mal acabaram de ouvir. Suspendeu-se o indaguejar. Outros embaixadores  
chegavam. Queriam conciliar as pazes, ou pôr urgência na maldade? A  
estúrdia proposição! A qual era: que o Liojorge se oferecia, para ajudar a  
carregar o caixão... Ouvia-se bem? Um doido - e as três feras loucas; o que já  
90 havia, não bastava?

O que ninguém acreditava: tomou. a ordem de palavra o Doricão, com um  
gesto destemperado. Falou indiferentemente, dilatavam-se-lhe os frios olhos.  
Então, que sim, viesse – disse depois do caixão fechado. A tramada situação.  
A gente vê o inesperado.

95 Se e se? A gente ia ver, à espera. Com os soturnos pesos nos corações; um  
certo espalhado susto, pelo menos. Eram horas precárias. E despontou  
devagar o dia. Já manhã. O defunto fedia um pouco. Arre.

Sem cena, fechou-se o caixão, sem graças. O caixão, de longa tampa.  
Olhavam com ódio os Dagobés – fosse ódio do Liojorge. Suposto isto,  
100 cochichava-se. Rumor geral, o lugubrilho: – "*Já que já, ele vem...*" – e outras  
concisas' palavras.

De fato, chegava. Tinha-se de arregalar em par os olhos. Alto, o moço Liojorge,  
varrido de todo atinar. Não era animosamente, nem sendo por afrontar. Seria  
assim de alma entregue, uma humildade mortal. Dirigiu-se aos três: – "*Com*  
105 *Jesus!*" – ele, com firmeza. E? – aí. Derval, Dismundo e Doricão – o qual o  
demônio em modo humano. Só falou o quase: - "*Hum... Ah!*" Que coisa.

Houve o pegar para carregar: três homens de cada lado. O Liojorge pegasse  
na alça, à frente, da banda esquerda - indicaram. E o enquadravam os  
Dagobés, de ódio em torno. Então, foi saindo o cortejo, terminado o  
110 interminável. Sortido assim, ramo de gente, uma pequena multidão. Toda a rua  
enlameada. Os abelhudos mais adiante, os prudentes na retaguarda. Catava-  
se o chão com o olhar. A frente de tudo, o caixão, com as vacilações naturais.  
E os perversos Dagobés. E o Liojorge, ladeado. O importante enterro.  
Caminhava-se.



115 No pé-tintim, mui de passo. Naquele entremeamento, todos, em cochicho ou  
 silêncio, se entendiam, com fome de perguntidade. O Liojorge, esse, sem  
 escape. Tinha de fazer bem a sua parte: ter as orelhas baixadas. O valente,  
 sem retorno. Feito um criado. O caixão parecia pesado. Os três Dagobés,  
 armados. Capazes de qualquer supetão, já estavam de mira firmada. Sem se  
 120 ver, se adivinhava. E, nisso, caía uma chuvinha. Caras e roupas se  
 ensopavam. O Liojorge – que estarrecia! – sua tenência no ir, sua tranquilidade  
 de escravo. Rezava? Não soubesse parte de si, só a presença fatal.

E, agora, já se sabia: baixado o caixão na cova, à queima-bucha o matavam;  
 no expirar de um credo. A chuvinha já abrandava. Não se ia passar na igreja?  
 125 Não, no lugar não havia padre.

Prosseguia-se.

E entravam no cemitério. *"Aqui, todos vêm dormir"*– era, no portão, o letreiro.  
 Fez-se o airado ajuntamento, no barro, em beira do buraco; muitos, porém,  
 mais para trás, preparando o foge-foge. A forte circunspectância. O nenhum  
 130 despedimento: ao uma-vez Dagobé, Damastor. Depositado fundo, em forma,  
 por meio derijas cordas. Terra em cima: pá e pá; assustava a gente, aquele  
 som. E agora?

O rapaz Liojorge esperava, ele se escorregou em si. Via só sete palmos de  
 terra, dele diante do nariz? Teve um olhar árduo. A pandilha dos irmãos. O  
 135 silêncio se torcia. Os dois, Dismundo e Derval, esperavam o Doricão. Súbito,  
 sim: o homem desenvolveu os ombros; só agora via o outro, em meio àquilo?

Olhou-o curtamente. Levou a mão ao cinturão? Não. A gente, era que assim  
 previa, a falsa noção dogesto.' Só 'disse, subitamente ouviu-se: – *"Moço, o  
 senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso irmão é que era um diabo  
 140 de danado..."*

Disse isso, baixo e mau-som. Mas se virou para os presentes. Seus dois outros  
 manos, também. A todos, agradeciam. Se não é fue não sorriam,  
 apressurados. Sacudiam dos pés a lama, limpavam as carasdo respingado.  
 Doricão, já fugaz, disse, completou: – "A gente, vamos'embora, morar em  
 145 cidade grande..." O enterro estava acabado. E outra chuva começava.



O narrador introduz o objeto de discurso (Damastor) apenas pelo nome próprio – *Damastor Dagobé* – na L1 do texto. Além disso, é inserida uma sequência descritiva – *o mais velho dos quatro irmãos*. Em seguida, são introduzidas as seguintes expressões (re)categorizadoras e/ou sequências descritivas:

<i>Defunto.</i>	L3
<i>Demos, os Dagobés, gente que não prestava.</i>	L5
Chefia despótica do <i>recém-finado</i> .	L6
Este fora o grande pior, o cabeça, ferrabrás e mestre.	L7
O <i>finado</i> , tão sordidamente avaro, ou mais, quanto mandão e cruel.	L37
O <i>falecido</i> .	L41
O meu saudoso irmão é que era um diabo de danado.	L125

As adjetivações negativas atribuídas ao personagem Damastor deram margem para que os alunos percebessem sua personalidade e, a partir disso, criassem contos que também levaram em consideração detalhes da narrativa, as minúcias do texto. Cada aluno, em sua produção, se deteve a determinados aspectos da descrição de Damastor no conto original para recriar a história, mantendo ou modificando o caráter das expressões (re)categorizadoras de acordo com o ponto de vista selecionado para narrar a história. Também foram colocadas em prática, para a concretização da atividade de retextualização, os aspectos linguístico-textuais-discursivos, apresentados por Marcuschi (2001)

(idealização, reformulação e adaptação). A seguir, serão apresentados os contos retextualizados, bem como as categorizações que criam a progressão referencial acerca do objeto de discurso *Damastor Dagobé*.

## 5.2 Retextualização do conto “os irmãos Dagobé”: A perspectiva do caixão

### TEXTO 2

Minha imobilidade não me permitia fugir dali. Ali, repousando em seus braços sereno e tranquilo, estava Damastor Dagobé, um dos homens mais temidos e cruéis da cidade. Quando esperava na loja, jamais pensei que seria o repouso de uma pessoa tão sem escrúpulos. Feito de Carvalho, entalhado a mão com  
5 tanto carinho, esperava abrigar uma adorável senhora, amada e respeitada pelos seus netos, ou um herói, que se jogou na frente do trem para salvar sua amada. Minha vida se resumia a dar um belo fim as pessoas, mas de que adiantava, se aquele homem tinha uma alma tão feia?

Os outros caixões, dos menores aos maiores, certamente se sentiram aliviados  
10 quando os irmãos Dagobé me escolheram. A morte de Damastor chegou a funerária bem rápido, já com o grito da esposa do nosso chefe, que não queria de maneira nenhuma que aquele homem fosse um de seus “clientes”. Não demorou muito e os irmãos já estavam lá, falando aos sussurros e apontando em minha direção. Quis correr, me esconder, e argumentar em favor dos  
15 caixões mais velhos, e que já estavam aceitando qualquer coisa para serem vendidos. Mas o mesmo Carvalho que me fez belo e firme, me fez rígido e impossibilitado de demonstrar as tantas emoções que sinto.

Como consolo à vida em companhia de vermes e carne putrefata, dizia-se que a função de um caixão é abraçar o homem em sua morte, o velar e o  
20 acompanhar durante seu sono eterno. Nesse momento, minha vontade não é abraçar Damastor, mas sim estrangulá-lo, só para garantir que está realmente morto. Sua morte, que me parece, daqui do velório, um alívio para tantos, pra mim é o início de um fardo eterno. Pra sempre abracei e guardarei alguém tão vil, e que levou tantos pelo mesmo caminho da morte. O maior sonho de um

- 25 caixão é guardar um herói ou celebridade, pois é nesse momento que as pessoas podem reparar sua beleza e esplendor, admirar o entalhe e a cor da madeira. Em enterros como o do primogênito Dagobé, todos estão mais concentrados nas fofocas e reações dos convivas, o caixão só é notado depois que todos se asseguram de que o defunto está a sete palmos da terra.
- 30 Quando os irmãos chegam e seguram em minhas alças, sei que o fim se aproxima, grito para o assassino do presunto, não entendia porque ele também o carregava, mas pouco importava, na verdade, seria prudente também odiar o assassino, já que ele ligou meu destino ao de Damastor. Fui levado pelo cemitério e acomodado, gentilmente, na cova. Naquele enterro, ninguém
- 35 chorava, ninguém além de mim mesmo, caixão, que com o último vislumbre do céu, enquanto era coberto de terra, percebi que o verme de que mais sentiria nojo ali embaixo, era Damastor Dagobé.

A partir das categorizações presentes no conto original, essa reescrita chamou atenção porque parte do ponto de vista de um objeto, o caixão onde se encontrava o corpo de Damastor, que utiliza adjetivos negativos sobre o personagem ao longo do texto. Antes de entrar no mérito das categorizações, será feito um levantamento sobre os aspectos envolvidos no processo de retextualização, partindo do modelo de Marcuschi (2001).

Inicialmente, como parte do processo de *idealização*, o aluno fez a leitura do conto original de Guimarães Rosa sabendo que o objetivo da proposta de produção textual era elaborar um novo texto modificando o ponto de vista da história; em seguida, foi necessário selecionar o ponto de vista que narraria os fatos no conto retextualizado, neste caso, o do caixão. Depois disso, foi realizada a retextualização propriamente dita, mantendo o gênero textual inicial, mas modificando a perspectiva discursiva.

Como parte do processo de *reformulação*, foi necessário ao aluno imaginar como um caixão narraria a história; que aspectos poderiam ser observado por este personagem, agora narrador, para desenvolver bem seu ponto de vista. Logo no primeiro parágrafo, por exemplo, o aluno cita a imobilidade do caixão, por ser um objeto inanimado. Em seguida, são apresentadas descrições físicas: “feito de carvalho, entalhado a mão”, L4.

A seleção lexical também se insere no processo de *reformulação*, afinal, a partir dela são acrescentadas, por exemplo, novas categorias para descrever o objeto de discurso – Damastor: “enquanto era coberto de terra, percebi que o verme de que mais sentiria nojo ali embaixo, era Damastor Dagobé”, L32 – além das marcas linguísticas que caracterizam reações e conferem vida ao caixão – narrador da história: “O mesmo carvalho que me fez belo e firme, me fez rígido e impossibilitado de demonstrar as tantas emoções que sinto”, L14.

Por fim, o processo de *adaptação* contempla a descrição do ambiente; por se tratar de um caixão, um dos espaços inseridos na narrativa foi a funerária, onde o caixão foi adquirido pelos irmãos Dagobé: “A morte de Damastor chegou a funerária bem rápido...” L9. Também é incluído na narrativa o momento em que o caixão é colocado na cova, além de reflexões sobre como seria a vida para o

caixão após o fim do enterro, marcas que não estão presentes no conto original: “Sua morte, que me parece, daqui do velório, um alívio para tantos, pra mim é o início de um fardo eterno”, L20.

No âmbito da referenciação, cujo enfoque, neste trabalho, é a (re)categorização do personagem Damastor Dagobé, percebe-se que o redator do texto retextualizado manteve as qualidades negativas do personagem em questão apresentadas no conto original. Assim como no conto original, a introdução do objeto de discurso é apenas o nome próprio, seguido de sequência descritiva: “Minha imobilidade não me permitia fugir dali. Repousando em meus braços estava Damastor Dagobé, L2, um dos homens mais temidos e cruéis da cidade. Quando esperava na loja, jamais pensei que seria repouso de uma pessoa tão sem escrúpulos, L3.

Interessante ressaltar que o caixão, agora com vida, descreve suas perspectivas em relação ao seu futuro uso: “Feito de carvalho, esperava abrigar uma adorável senhora, amada e respeitada pelos seus netos, ou um herói, que se jogou na frente do trem para salvar sua amada”. E, na sequência, mais uma remissão que mantém o objeto de discurso, Damastor: “Minha vida se resumia a dar um belo fim às pessoas, mas de que adiantava, se aquele homem tinha uma alma tão feia?”.

Reinteirando o péssimo caráter do objeto de discurso em questão, o aluno finaliza o texto com a seguinte expressão nominal: “Naquele enterro ninguém chorava, ninguém além de mim mesmo, o caixão, que com o último vislumbre do céu, enquanto era coberto de terra, percebi que o verme do qual mais sentiria nojo ali embaixo era Damastor Dagobé”.

Sendo assim, observou-se que o personagem Damastor Dagobé foi (re)categorizado com as seguintes expressões e sequências descritivas:

Expressões nominais	Sequências descritivas
1. Damastor Dagobé	1. um dos homens mais temidos e cruéis da cidade
2. aquele homem	2. uma pessoa tão sem escrúpulos
3. aquele homem	
4. o verme	

5.3 Retextualização do conto “os irmãos Dagobé”: A perspectiva de Doricão, o irmão sucessor

### TEXTO 3

Eu havia sonhado com aquele dia. Inúmeras vezes imaginara o velório de Damastor Dagobé de maneiras diferentes. A única coisa que não me passou pela cabeça estava acontecendo: eu não fora o responsável por sua morte. Aquele patife! Pedaco de nada que se achava o tudo e agora estava ali: morto e sem oferecer nenhum risco. Por dentro eu ria, mas por fora me mostrava solene.

Damastor me tirou tudo: família, amigos e vida própria. Desde que decidira incorporar o cão, obrigara-me a dedicar minhas ações a ele; não fico com a consciência pesada em dizer que, mais do que todos ali, eu o odiava com todas minhas forças. Só de lembrar que não o ouviria dizer mais uma vez a palavra “meninos”, me dava vontade de sorrir largo.

A verdade é que, se pudessem, nenhum dos presentes estaria ali, velando o corpo daquele infeliz. Estariam no bar mais próximo, tomando a pinga mais cara, atirando pra cima e comemorando o falecimento. Mas não, as pessoas estavam naquele quarto, tomando café frio, cachaça queimada da pior



qualidade e comendo pipoca murcha. “Ah, malditos sejam os irmãos Dagobé. Todos eles” – pensavam.

O que eu via quando olhava para os lados eram pessoas assustadas, desconfiadas; elas pareciam esperar uma tragédia e já procuravam um lugar  
20 para se esconder caso Liojorge aparecesse. Ah, sim, Liojorge! Maldito seja por ter me tirado a chance de acertar uma bala na cabeça de Damastor. Mas benditos seja por ser ele a aguentar a ira dos irmãos que sobraram.

A noite estava atípica, chuvosa e tinha um ar estranho. Parecia um presságio para uma tragédia. Seria uma pena se Liojorge não tivesse tempo de se  
25 vangloriar por ter matado o vilão da cidade e não tardasse se juntar a ele no mundo dos mortos. A dúvida que pairava sobre os cidadãos da cidade era se os irmãos iriam se vingar ali, na frente de todos. Devo admitir, também era uma dúvida minha.

Mas Liojorge ne ali estava. Deveria estar trancado em sua casa, morrendo de  
30 medo e se arrependendo por ter feito tal desgraça. Não sei bem o que aconteceu e, na verdade, não me interessa qual foi o desentendimento dele com Damastor. O algoz estava morto e isso era o mais importante.

Algumas horas se passaram e o povo já se mostrava impaciente. Queriam era  
35 ver um banho de sangue, uma última tragédia envolvendo o nome de Damastor. Os murmúrios nos cantos da sala começavam a tomar um tom mais alto. Eis que ele chega: Liojorge. De medo, esse Liojorge adoidara, já estava sentenciado. Toda a gente espiava os Dagobés.

Tomei coragem e falei: olha quem está aí, pessoal, é Liojorge: o cabra mais  
40 macho desse sertão – todos me olharam abismados. Subi na serenidade. De receio, os circunstantes tomavam mais cachaça queimada. Tinha caído outra chuva. O prazo de um velório, às vezes, parece muito dilatado.

Liojorge se dirigiu a Derval e Dismundo para cumprimenta-los. Só observei.  
Então, foi saindo o cortejo, terminando o interminável. Todos andando através da rua enlameada. Os abelhudos mais adiante, os prudentes na retaguarda. À  
45 frente de tudo, o caixão, com as vacilações naturais. E o Liojorge, ladeado.

Enquanto entrávamos no cemitério, sentíamos Liojorge cabisbaixo, feito um criado. O caixão parecia pesado – e de fato estava, afinal, Damastor parecia mais um porco de tão gordo. O povo já não aguentava mais aquele mistério. Que fim teria Liojorge, afinal? Prosseguíamos. Decidimos não passar na igreja, pois ali não havia mais padre.

Quando finalmente chegamos ao cemitério, fomos recebidos pela placa de entrada que dizia “Aqui, todos vêm dormir”. Olhei para Liojorge e decidi que eu mesmo acabaria com aquele suspense todo. Levei a mão ao cinturão e as pessoas se assustaram, decidi ignorá-las, muito embora, atirar nelas fosse mais eficiente. Disse: “Cabra, vá embora! Meu irmão, um diabo danado, foi-se tarde. E se demorasse mais um pouco, seria eu a mata-lo”.

Percebi que os outros me olhavam decepcionados. Olhei para meus irmãos, Derval e Dismundo, e senti que eles me apoiavam. Decidi continuar: “Eu, Doricão, e meus irmãos... a gente vamos embora, morar em cidade grande...”. Dito isso, deixamos aqueles miseráveis vivendo suas vidinhas medíocres naquela cidade maldita assolada pelo medo, ódio e inveja.

Um último pensamento me ocorreu: não tardaria para que outros Irmãos Dagobé surgissem e implantassem na cidade mais uma ditadura do sertão, pois aquelas pessoas estavam viciadas na maldade e viviam na expectativa de que algo pior acontecesse, uma sucessão de tragédias. E não me surpreenderia se o líder maldito dessa vez acabasse por ser Liojorge. Eu que não continuaria ali para ver isso. Mas, afinal, o enterro estava acabado, e outra chuva começava.

O texto 3 desenvolve o ponto de vista de um personagem considerado secundário no conto original; o irmão sucessor de Damastor Dagobé. As primeiras análises sobre esse conto abarcam considerações sobre a retextualização. De acordo com o modelo proposto por Marcuschi (2001), fazendo-se as adaptações necessárias, percebe-se os aspectos envolvidos no processo de retextualização foram desenvolvidos da seguinte forma:

Como parte do processo de *idealização*, o aluno fez a leitura do conto original de Guimarães Rosa com o objetivo de produzir um novo texto modificando o ponto de vista presente na história; depois disso, foi necessário selecionar uma nova perspectiva, um novo personagem que narraria os fatos no conto retextualizado de acordo com o seu ponto de vista, neste caso, o personagem selecionado foi Doricão, o irmão sucessor. Para finalizar o processo de *idealização*, partiu-se para a produção do texto retextualizado, que manteve o gênero textual inicial.

Para desenvolver o ponto de vista de Doricão, foi necessário perceber que características e aspectos poderiam ser observados por este personagem para desenvolver bem seu ponto de vista; como o irmão sucessor, agora narrador da história, poderia contar os fatos, desenvolvendo sua perspectiva sobre as situações envolvidas na história. No início do primeiro parágrafo, fica claro que Doricão está satisfeito com a morte do irmão: “Eu havia sonhado com aquele dia. Inúmeras vezes imaginara o velório de Damastor Dagobé de maneiras diferentes”, L1. Apesar de ser irmão da vítima, ao longo da narrativa são expostas razões pelas quais Doricão estava satisfeito/aliviado com sua morte: “Damastor me tirou tudo: família, amigos e vida própria. Desde que decidira incorporar o cão, obrigara-me a dedicar minhas ações a ele”, L6.

Os aspectos citados acima fazem parte do processo de *reformulação* e, além disso, a seleção lexical também contribui para o desenvolvimento deste processo. Ao longo da narrativa, o ponto de vista de Doricão é reforçado quando ele utiliza palavras com teor negativo para descrever o irmão, e assim, fica comprovado o fato de que Damastor sempre fora um vilão em sua vida: “A verdade é que, se pudessem, nenhum dos presentes estaria ali, velando o

corpo *daquela infeliz*”, L11. Outro exemplo de seleção lexical está presente na linha 28: “O *algoz* estava morto e isso era o mais importante”.

O processo de *adaptação*, neste caso, cumpre-se quando são inseridas, no texto, marcas que não estavam presentes no conto original, e que apenas Doricão, sendo irmão de Damastor, poderia perceber. No conto original, por exemplo, há um trecho que revela que Damastor chamava os irmãos de “meninos”: “Este fora o grande pior, o cabeça, ferrabrás e mestre, que botara na obrigação da ruim fama os mais moços – “ os meninos”, segundo seu rude dizer”, L8. Já no conto retextualizado, Doricão demonstra o que realmente sentia ao ser chamado dessa forma: “Só de lembrar que não ouviria dizer mais uma vez a palavra “meninos”, me dava vontade de sorrir largo”, L9. O conto retextualizado também efetiva a *adaptação* quando, no último parágrafo, Doricão apresenta um palpite sobre o futuro da cidade, o que aconteceria dali pra frente, após a morte de Damastor: “Um último pensamento me ocorreu: não tardaria para que outros Irmãos Dagobé surgissem e implantassem na cidade mais uma ditadura do sertão, pois aquelas pessoas estavam viciadas na maldade e viviam na expectativa de que algo pior acontecesse, uma sucessão de tragédias”, L58.

Partindo para os aspectos da referenciação, cujo foco é o objeto de discurso *Damastor Dagobé*, sua introdução no texto ocorre simplesmente pelo nome próprio: “Eu havia sonhado com aquele dia. Inúmeras vezes imaginara o velório de Damastor Dagobé. A descrição segue pelo lado obscuro de Damastor, e seu irmão se mostra insatisfeito com a relação com o irmão mais velho.

O autor dessa retextualização ratifica esta ideia com a seguinte passagem, na qual estão presentes uma expressão nominal recategorizadora e uma sequência descritiva: “A única coisa que não me passou pela cabeça estava acontecendo: eu não fora o responsável por sua morte. Aquele patife! Pedaco de nada que se achava o tudo, e agora estava ali, morto e sem oferecer nenhum risco. Por dentro eu ria, mas, por fora, me mostrava solene”. As retomadas ao referente são feitas com adjetivos negativos, que reforçam a personalidade detestável de Damastor.

Ao seguir a leitura do texto, Doricão demonstra que até para os presentes no velório do irmão Damastor era repulsivo e, para reforçar essa ideia, o produtor textual insere uma expressão nominal: “A verdade é que, se pudessem, nenhum dos presentes estaria ali velando o corpo daquele infeliz, estariam no bar mais próximo, tomando a pinga mais cara, atirando para cima e comemorando o falecimento”.

Além disso, Doricão, no conto retextualizado, demonstra interesse em que o assassino do irmão mais velho tenha a oportunidade de comemorar a morte de Damastor: “A noite estava atípica, chuvosa e tinha um ar estranho. Parecia um presságio pra uma tragédia. Seria uma pena se Liojorge não tivesse tempo de se vangloriar por ter matado o vilão da cidade”. Mais uma vez é inserida uma expressão nominal recategorizadora.

Esta narrativa se mostra bem interessante, porque revela um irmão feliz por estar livre das maldades do irmão, com as quais não concordava, mas, por infelicidade, deveria ser condizente a elas. A ele, Doricão, não interessava o motivo da morte: “Mas Liojorge nem ali estava. Deveria estar trancado em sua casa morrendo de medo e arrependido por ter feito tal desgraça. Não sei bem o que aconteceu e, na verdade, não me interessa qual foi o desentendimento dele com Damastor. O algoz estava morto e isso era o mais importante”.

Com o apoio dos irmãos, Doricão anuncia aos presentes que os irmãos não queriam vingança, e sim, se livrar da chefia despótica do irmão mais velho.

Nessa produção, o personagem Damastor Dagobé foi (re)categorizado com as seguintes expressões e sequências descritivas:

Expressões nominais	Sequências descritivas
1. Damastor Dagobé	1. Pedaco de nada que se achava o tudo
2. Aquele patife	
3. aquele infeliz	

4. o vilão da cidade	
5. O algoz	

#### 5.4 Retextualização do conto “os irmãos Dagobé”: A perspectiva da arma que matou Damastor

##### TEXTO 4

###### ASSASSINO QUE MATA ASSASSINO, CEM ANOS DE CASTIGO

Então, não mais sossegada, depois de ter encerrado o destino da crueldade em pessoa, só se serve com desprezo, depois dessa tamanha desgraça. Um tempo antes, tão solitária, velha e simples com espanto de mal acabada, parecia não prestar. Mas consagrei aquela grande batalha. Batalha esta mais  
5 que precisada por toda aquela gente. Foi como um dia de vitória numa noite bêbada cheia de ameaça e depois de medo. Não era honesto herói, ou Liojorge ou qualquer um, mas era um qualquer, ou uma qualquer, despojada de cinza, bem escuro, como grafite, ou como pólvora, de cor de abóbora com marrom e ferrugem; mas, como velha, sou forte, e obedeço aos mandos de quem me  
10 tem, ou me leva emprenhada na cinta.

Pobre foi Damastor, além de miserável. O terrível só vivia em desunião, sem amor e sem filho, vivia espalhando desacordo pelo gosto próprio. Ao menos era temido, qualidade pra bandido, pra governo e até pra bicho. Pior que não prestava. Não prestava pro bem, mas pro mal prestava, e até demais. Pra  
15 Dagobé, viver é assim. O mais velho, futuro recém-finado, burro de tanto encorajado, era o mestre da má fama naquele lugar. Um homem já quase senhor, outros três já quase homens como ele. Estes eram preferidos por todos, os bons, os maus, os neutros. Devia ser pela fama; boa ou má, ia longe e dava medo em muita gente.

20 Sem hora marcada. Agora faltavam só horas para o fato, Liojorge homem cabreiro, não dava murro em ponta de faca, não se atrevia onde não ia, também não ia sozinho. Andava acompanhado é claro; armado. Pois não sabia o que poderia encontrar e nem queria ser encontrado por coisa alguma.

É nessa história que eu passo do prego da parede pra de baixo do colchão, e,  
25 depois, pra mão de Liojorge. E depois ainda, pra qualquer lugar, onde ninguém possa encontrar e ter prova alguma, ou dizer qualquer coisa.

A noite foi de chuva e frio, e chegava junto com o desastre. Os que ali estavam presenciavam cabreiros com os olhos bem abertos, mas nem tanto espertos, pois, se o fossem, nem ali estavam, servindo para testemunhar. Testemunha  
30 boa é aquela que de tão esperta e sabida preferiu perder o sossego e deixou o caboclo caído no espanto.

Pálido e pasmo, de um lado o cabra pacífico. Nunca matara ninguém, mas também não queria ele morrer, só sabia emudecer. Num instante de passagem, o Damastor, sem sabida razão, ameaçara de cortar-lhe as orelhas.  
35 Daí, quando o viu, avançara nele, com punhal e ponta; mas o astuto do rapaz, que comigo se arranjava, fez-me fazer terrível desgraça e despejou-lhe o tiro no centro dos peitos, por cima do coração. E até aí ele viveu.

Já no outro lado, o morto, agora morto mesmo. Tanto perturbara aquele chão a sete palmos, até as poeiras. Não se apercebeu que o simples pião pode ter  
40 saída para sua ardida astúcia. De um simples cortar de orelhas, ficou para o passado. Está agora sobre o chão e embaixo dele ao mesmo tempo.

Agora eu, culpado quase principal, uma garrucha. Cano manchado de respingo de sangue; quente e cheirando a pólvora queimada. Aperta minha mão, aqui, não é algo desejável, menos ainda amigável. Conforme a cerimônia, a cena  
45 desfecha assim, um claro entendimento do acontecido, mas ainda com coisa pra acontecer.

Liojorge, agora quem será? Matou o matante daquela gente e não se surpreende mais com o medo. Vive agora apenas um grande desejo de alcançar conserto. Já pra aquele povo escaldado e sofrido, conserto melhor  
50 talvez não haja. Todos temem os vivos. Menos os mortos, e, com eles, Damastor Dagobé. E quando o vaso ruim quebra? Será que prestava pra alguma coisa?

Eis o temido. O crime de Liojorge não bastara para por peito no destino mandado por gente. Temia que chegava sua vez, mas não adiantaria  
55 contrariar, destino é destino. Só não foi em vão porque salvou sua vida, pelo menos até ali. E como essa era a intenção do crime, tudo certo.



Só não dá pra entender o porquê Liojorge aceitara a sentença de assassino assim tão conformado. Melhor ter ficado sem orelha do que ter nas costas o peso de um assassinato e uma porte em tão poucos tempos. Se Liojorge foi tão respeitoso pra matar, quem dirá eu; nada tenho de culpa.

O ponto de vista representado na produção 4 é bastante interessante, pois se trata de um objeto inanimado que ganha vida: a garrucha que disparou contra Damastor. O ponto de partida para as análises desse conto, assim como dos outros, está ligado ao processo de retextualização. Os aspectos apresentados por Marcuschi (2001), adaptados e aplicados a essa análise, se apresentam da seguinte forma:

No processo de *idealização*, o aluno realizou a leitura do conto original de Guimarães Rosa para produzir um novo texto modificando o ponto de vista presente na história; depois disso, foi necessário selecionar um novo personagem que narraria os fatos no conto retextualizado de acordo com o seu ponto de vista. No texto 4, o personagem selecionado foi a arma que matou Damastor. Mais uma vez, uma escolha que inusitada, já que se trata de um objeto inanimado. Para finalizar o processo de *idealização*, foi produzido o texto retextualizado, que manteve o gênero textual inicial.

Para desenvolver o ponto de vista da arma, no processo de *reformulação*, foi necessário perceber que características e aspectos poderiam ser observados por este personagem para desenvolver bem seu ponto de vista, afinal, a história foi narrada por uma arma. Já no primeiro parágrafo, por exemplo, a arma apresenta seu grande feito: “Mas consagrei aquela grande batalha. Batalha esta mais que precisada por toda aquela gente”, L4. Ou seja, a arma acredita que foi responsável por legitimar a “batalha” a qual todos temiam, já que Damastor era o mais temido dentre os irmãos Dagobé. Para dar continuidade à construção do personagem, no final do primeiro parágrafo, há a descrição da arma: “despojada de cinza, bem escuro, como grafite, ou como pólvora, de cor de abóbora com marrom e ferrugem; mas, como velha, sou forte, e obedeço aos mandos de quem me tem, ou me leva emprenhada na cinta”, L7.

Como parte do processo de *reformulação*, a seleção lexical também se torna importante, pois, a partir dela, são acrescentadas, por exemplo, novas categorias para descrever referentes ao longo da história, o que reforça a perspectiva discursiva do personagem em relação aos outros elementos da

história. Ao descrever Damastor, a arma deixa claro que, no seu ponto de vista, ele era um homem que “não prestava”: “Pobre foi Damastor, além, de miserável. O terrível só vivia em desunião, sem amor e sem filho, vivia espalhando desacordo pelo gosto próprio. Ao menos era temido, qualidade pra bandido, pra governo e até pra bicho. Pior que não prestava. Não prestava pro bem, mas pro mal prestava, e até demais”, L10.

O processo de *adaptação* na produção 4 ocorre quando são acrescentadas na narrativa marcas que não estavam presentes no conto original e, por isso, inserem informações novas: “Um tempo antes, tão solitária, velha e simples com espanto de mal acabada, parecia não prestar”, L2. “É nessa história que eu passo do prego da parede pra de baixo do colchão, e, depois, pra mão de Liojorge. E depois ainda, pra qualquer lugar, onde ninguém possa encontrar e ter prova alguma, ou dizer qualquer coisa”, L22. Nos dois casos, foram incluídas informações que antecederam o crime – a caracterização e descrição da arma antes de entrar na história; solitária, velha e parecia não prestar – e informações a respeito do que ocorreu com a arma depois do crime – ela foi colocada em “qualquer lugar” para que ninguém pudesse encontrá-la. Além disso, a arma descreve os locais por onde passou antes de ir efetivamente para as mãos de Liojorge: “passo do prego da parede pra debaixo do colchão e, depois, pra mão de Liojorge”.

Partindo para o plano da referenciação, observa-se que a inserção do objeto de discurso, Damastor, ocorre com a seguinte expressão nominal: “Então, não mais sossegada, depois de ter encerrado o destino da crueledade em pessoa, depois dessa tamanha desgraça”. Já no início do texto, reforça-se o caráter obscuro de Damastor.

Dando sequência às recategorizações presentes nesta perspectiva textual, acrescenta-se à descrição de Damastor as seguintes expressões nominais e sequências descritivas: “Pobre foi Damastor, além de miserável. O terrível só vivia em desunião, sem amor e sem filho [...] ao menos era temido [...] pior que não prestava, não prestava pro bem, mas pro mal prestava, e até demais. Pra Dagobé, viver é assim. O mais velho, futuro recém-finado, burro de tanto

encorajado, era o mestre da má fama naquele lugar. Um homem já quase senhor [...].

Dessa forma, nota-se que, nesta retextualização, é demonstrado o caráter negativo de Damastor, mas, agora, partindo da perspectiva textual da garrucha, a arma que, pelas mãos de Liojorge, havia matado o mais velho dos irmãos Dagobé. “Liojorge, agora quem será? Matou o matante daquela gente e não se surpreende mais com o medo.

Expressões nominais	Sequências descritivas
crueldade em pessoa	Pobre foi Damastor, além de miserável
O terrível	ao menos era temido
o matante	pior que não prestava
	O mais velho, futuro recém-finado, burro de tanto encorajado
	era o mestre da má fama
	Um homem já quase senhor

5.5 Retextualização do conto “os irmãos Dagobé”: A perspectiva do próprio Damastor

### TEXTO 5

Enorme desgraça. Eu, o mais velho dos quatro irmãos Dagobé, acordei perdido, sem saber onde estava. Levantei-me devagar e vi um amontoado de gente em minha casa. Estavam todos de preto, me olhando e conversando baixinho. “Mas que diabos...?”, pensei. Afastados dali, pude ver meus três irmãos mais novos, que conversavam entre si, sem se misturar.

“Demos”, pude ouvir um senhor falar perto de mim. “Os Dagobé? Essa gente não prestava”, a velha senhora respondeu. Mas que absurdo! Como ousavam falar de minha família assim? Na minha casa ainda por cima! “Coitados” ele ouviu um jovem falando: “os Dagobé viviam em estreita desunião, sem mulher em lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém-finado”. Recém-finado? Olhei a minha volta e lá estava eu, deitado em um caixão, quase que dormindo... Se não estivesse morto.

No aceso das velas, no entre aquelas flores ouvia os mais variados absurdos sobre mim. Minha feição de careta. Meu queixo de piranha. Meu nariz torto. E, finalmente, o meu inventário de maldades. Maldades? Eu chamo de justiça.

Já caía a noite e ainda se servia café, cachaça queimada e pipocas, assim aos usos. Todos conversavam baixo e eu ainda estava pensando em mim, no meu destino, na minha morte. Porque eu estava ali? Vendo tudo aquilo, ouvindo tantas barbaridades ao meu respeito. A uma hora dessas eu já deveria estar, pelo menos, nas portas do céu.

Aos poucos fui me lembrando de como cheguei àquele triste fim. Eis que um patife, sujo e pobre, chamado Liojorge fora que me enviara para o sem-fim dos mortos. Não me lembro ao certo o por que ameacei cortar-lhe as orelhas, mas lembro-me da garrucha que ele sacou, despejou-me o tiro no centro dos peitos, por cima do coração. E até aí, vivi.

Mas meus irmãos vão me vingar, eles não vão deixar aquele patife sair impune. É bastante obvio estarem esperando o final do enterro. Eu fui um irmão alfa. Um exemplo de pessoa e mereço tais solenidades e venerações. Não me surpreende o bastardo não ter dado as caras ainda. O medo corre em suas veias. Se fosse cabra corajoso, já teria vindo se entregar. Mas esse sujeitinho sem honra e sem moral não teria tal coragem.

A noite caía e, entre chuvas e goles de cachaça queimada veio um recado. O recado dizia que o patife Liojorge não queria ter me matado e matara-me com respeito. E em um gesto de covardia e suplicação estava disposto a se apresentar, desarmado, ali perante, dar a fé de vir, pessoalmente, para

declarar que não tinha querido matar irmão de cidadão cristão nenhum, puxara só o gatilho no derradeiro instante, por falta de culpa, caso tivessem lealdade.

Matara-me com respeito? Como se mata alguém com respeito? Eu mesmo já tirei a vida de muito cabra desse sertão, e garanto, nunca foi com respeito.

40 Nunca pensei na família do sujeito, nos filhos que deixara, na mulher desamparada. Nada. Só me subia o sangue nos olhos e quando via já havia puxado o gatilho.

Mas era perfeito. Via meus irmãos cochichando entre si, o pobre Liojorge iria ajudar a carregar meu caixão. E quando achasse que sairia impune, meus três  
45 irmãos lhe dariam uma lição. É uma pena mesmo não poder visita-lo no inferno quando morrer. Assim que for vingado, devo partir para o reino de Deus, deixando essa terra cruel e miserável.

Quando a chuva cessou, foram os quatro carregando meu corpo apagado em caminho do cemitério. Meus três irmãos armados, capazes de qualquer  
50 supetão, já estavam com a mira firmada. E, sinceramente, seria uma cena linda. Pouco me importa que minha carcaça morta caísse no chão. A revolta dos meus irmãos pela minha morte deveria ser expressa o quanto antes.

Meus digníssimos não fariam isso, tinham classe, porte e honra. Não estragariam o meu enterro por nada nesse mundo. E, agora, já se sabia:  
55 Baixado o caixão na cova, à queima-bucha o matariam; no expirar de um credo. Eu observava os civis se afastando da cova, preparados para o pega-pega. Loucos para não serem acertados, mas curiosos de mais para irem embora. Cada monte de areia jogado pelo meu caixão era uma angustia crescente dentro de mim, louco para ser vingado.

60 O mais velho dos meus três irmãos olhou o desonrado curtamente, e disse-lhe baixinho “Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que meu saudoso irmão é que era um diabo danado”. Diabo danado? Traidor! Olhei rápido e esperançoso para os dois caçulas, de cabeças baixas concordavam com aquela ladainha. Vi todos virando as costas e indo embora.

65 E quanto a mim? Para onde vou? A escada do céu ainda não abaixou para mim? Aparentemente também não sou um demônio, porque o chão não se abriu para o inferno! O que farei?

A chuva voltava forte e enquanto caía no chão, não molhava o meu corpo. Sentei em minha lapide, bem polida de mármore. Olhei ao redor o breu e a  
70 escuridão. A solidão e angústia. O medo e as dúvidas que não saíam da minha cabeça dominavam o meu ser de forma tão inexplicável que chorei. Chorei em morte o que nunca chorei em vida, e ainda hoje não sei para onde ir.

A produção 5 chamou atenção porque parte do ponto de vista do morto, Damastor Dagobé, que ressurgue como uma espécie de alma capaz de presenciar tudo o que está acontecendo em seu próprio velório. Ao contrário de todas as produções, este conto defende a má personalidade de Damastor, afinal, é o próprio personagem que narra sua versão dos fatos. Antes de entrar no mérito da referenciação, será feito um levantamento sobre os aspectos envolvidos no processo de retextualização, partindo do modelo de Marcuschi (2001).

O primeiro passo para a concretização desta atividade foi realizar a leitura do conto original de Guimarães Rosa, com vistas a investigar que personagens compõe o enredo, bem como as características do ambiente onde os fatos ocorrem, afinal, o objetivo do trabalho era reescrever a história partindo do ponto de vista de outros personagens e, para isso, foi fundamental observar a composição do conto em vários aspectos: tempo, espaço, personagens envolvidas etc. Tudo isso faz parte do primeiro processo de retextualização, a *idealização*. Lembrando que o gênero textual inicial deveria ser mantido, apenas a perspectiva discursiva sofreu alterações, no caso da produção 5, a história foi narrada pelo próprio Damastor.

Para concretizar o processo de *reformulação*, foi necessário ao aluno imaginar como Damastor narraria a história; que aspectos poderiam ser observado por este personagem, agora narrador, para desenvolver bem seu ponto de vista. A mudança da terceira para a primeira pessoa é um aspecto que faz parte do processo de *reformulação*. Logo no primeiro parágrafo, o personagem, que estava morto no conto original, ganha vida para narrar sua perspectiva sobre os fatos: “Eu, o mais velho dos quatro irmãos Dagobé, acordei perdido, sem saber onde estava, L1;[...]Olhei a minha vilita e lá estava eu, deitado em um caixão, L10”. Para desenvolver o conto com marcas de Damastor, agora o que narra a história, são inseridos alguns trechos que demonstram claramente seu ponto de vista em relação a determinadas situações. Damastor considera inapropriado o fato de estar “escutando” tantos desatinos sobre ele e sua família ao dizer: “Porque eu estava ali? Vendo tudo aquilo, ouvindo tantas barbaridades a meu respeito. A uma hora dessas eu já deveria estar, pelo



menos, nas portas do céu”, L17; “[...]ouvia os mais variados absurdos sobre mim, L12. Além disso, Damastor demonstra que suas atitudes não são condenáveis, afinal, segundo ele, elas representam legitimidade, e não devem ser consideradas atos perversos: “[...] o meu inventário de maldades. Maldades? Eu chamo de justiça”, L15. Apesar disso, em outro trecho do conto retextualizado, percebe-se que Damastor admite sua frieza ao cometer crimes: “Matara-me com respeito? Como se mata alguém com respeito? Eu mesmo já tirei a vida de muito cabra desse sertão, e garanto, nunca foi com respeito. Nunca pensei na família do sujeito, nos filhos que deixara, na mulher desamparada.” L35.

Sendo assim, para complementar o processo de *reformulação*, a seleção lexical e as recategorizações também são elementos importantes para ressaltar a nova formatação do conto, narrado por um novo personagem. “[...] Ouvia os mais variados *absurdos* sobre mim”, L12; “[...] ouvindo *barbaridades* a meu respeito”, L17; “eu fui um irmão alfa, um exemplo de pessoa”, L25. Dessa forma, Damastor desenvolve seu ponto de vista, pois insere marcas linguísticas que reforçam sua perspectiva.

Por fim, observa-se como parte do processo de *adaptação*, um momento reflexivo de Damastor após seu enterro; surgem questionamentos, dúvidas, o que não aparece no conto original: “E quanto a mim? Para onde vou? A escada do céu ainda não abaixou para mim? Aparentemente também não sou um demônio, porque o chão não se abriu para o inferno! O que farei?”, L59; “[...] Chorei em morte o que nunca chorei em vida, e ainda hoje não sei para onde ir”, L65.

No âmbito da referenciação, o enfoque, neste trabalho, é a (re)categorização do personagem Damastor Dagobé. Na retextualização em que a perspectiva textual é a do próprio Damastor, observa-se uma descrição de caráter defensivo. Até então, todos os pontos de vista apresentados difundiam o caráter obscuro do personagem, com inúmeras recategorizações por meio de expressões nominais negativas. Entretanto, agora, o próprio Damastor fala de

si, justifica suas ações e defende o seu caráter de justiceiro, uma vez que considera suas ações aterrorizantes como atos de justiça, e não maldades.

O referente é introduzido por uma expressão nominal, seguida de sequência descritiva: “Enorme desgraça. Eu, o mais velho dos quatro irmãos Dagobé, acordei perdido, sem saber onde estava”, L1. Em seguida, o irmão mais velho avalia o que estava sendo dito sobre ele em seu velório: “Demos”, pude ouvir um senhor falar perto de mim. “Os Dagobé? Essa gente não presta”. Mas que absurdo! Com ousavam falar de minha família assim? Na minha casa ainda por cima! “Os Dagobé viviam em estreita desunião, sem mulher, sem lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém-finado”, Recém- finado? “Olhei a minha volta e lá estava eu, deitado em um caixão, quase que dormindo, se não estivesse morto”, L6.

A espera pela vingança também era algo claro no posicionamento de Damastor: “Mas meus irmãos vão me vingar, eles não vai deixar aquele patife sair impune [...] eu fui um irmão alfa, um exemplo de pessoa e mereço tais solenidades e venerações”.

Este texto não apresenta muitas categorizações e recategorizações, pois está em primeira pessoa, entretanto, percebe-se fortemente o posicionamento do personagem em relação à situação em que se encontrava. As poucas expressões nominais (“um irmão alfa”, “um exemplo de pessoa”) e sequências descritivas complementam a ideia de que, para Damastor, tudo aquilo que falavam sobre sua personalidade e sobre os valores dos irmãos Dagobé era um absurdo.

Expressões nominais	Sequências descritivas
Eu	O mais velho dos quatro irmãos
Recém-finado	
Irmão alfa	
Exemplo de pessoa	

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste estudo foi analisar como se processa a construção dos objetos de discurso, sua categorização e recategorização dentro de uma produção textual que mantivesse o gênero textual e que partisse de visões discursivas diferenciadas. Levando em consideração que o processo de retextualização é uma atividade autêntica que aponta para a capacidade de seu produtor em elaborar um novo texto partindo de um já existente, pode-se destacar que a análise do *corpus* revela que os alunos/produtores textuais cumpriram bem o papel de escritores, ressaltando minúcias do texto e, além disso, criaram novas perspectivas discursivas acerca de um mesmo referente. Sendo assim, a influência do ponto de vista é responsável por alterações e adaptações na nova produção textual.

Para realizar concretizar este trabalho, a fundamentação teórica está baseada nos estudos da Linguística Textual sob o viés do sociocognitivismo interacional. O propósito da pesquisa era abrir uma nova perspectiva sobre o ato de retextualizar como sendo uma atividade capaz de transformar uma produção textual sem alterar o gênero. Para isso, priorizou-se a (re)construção dos objetos de discurso, bem como suas funções ao longo das produções textuais.

A análise foi efetivada a partir dos estudos de Marcuschi (2010), que compôs um quadro analítico que estrutura o processo de retextualização da fala para a escrita, com o objetivo de identificar os aspectos linguísticos-textuais-discursivos e cognitivos envolvidos nesta atividade. Houve uma adaptação da proposta do autor para atender ao modelo de análise apresentado neste trabalho – a retextualização entre o mesmo gênero – que funcionou de forma positiva nas análises do *corpus*, afinal, percebeu-se que essa adaptação é capaz de guiar o processo de retextualização, uma vez que as categorias de análise (*idealização, reformulação e adaptação* – propostas anteriormente por Marcuschi) foram percebidas no processo de construção textual. Assim, sob a ótica do sociocognitivismo interacional, a adaptação apresentou-se, como uma iniciativa de ampliar as pesquisas relacionadas à produção de retextualização.

No campo da referenciação, levando em consideração que os textos apresentam condições de produção diferenciadas, foi possível notar que o mesmo objeto de discurso pôde ser construído de formas distintas, a fim de se enquadrar a um novo evento textual-discursivo. O referente Damastor, na maioria dos casos, foi descrito como uma pessoa má, sem escrúpulos, características inseridas no conto original de Guimarães Rosa, e que foram mantidas e ampliadas em três dos quatro textos analisados. Entretanto, no conto em que o narrador é o próprio Damastor, a descrição toma um rumo diferente, com o objetivo de defender o personagem que, até então, só havia sido descrito com qualidades negativas.

Então, pode-se dizer que a análise da progressão referencial, das expressões nominais, das sequencias descritivas e das escolhas lexicais foi importante para chegar aos resultados pretendidos, esses aparatos linguísticos contribuem para identificar as estratégias que influenciaram os produtores textuais nos aspectos linguísticos, textuais e discursivos essenciais para o processo de referenciação.

Além disso, observou-se que, por se tratar de uma atividade que focaliza sempre do mesmo objeto de discurso, todas as categorizações/recategorizações são introduzidas por anáforas diretas. Vale lembrar que, mesmo que o objeto não seja retomado, “as expressões nominais predicativas colaboram para atribuir significações ao referente, complementando o sentido da expressão nominal referencial”. (CORTEZ, 2005, p. 333).

Também é importante destacar as diversas maneiras de introduzir no texto novas entidades ou referentes que podem ser modificados e expandidos durante o processo de criação textual. Esse processo de modificação do referente por meio da expressão de variados pontos de vista reforça a relevância do processo de retextualização, por meio do qual é possível

destecer o texto para que seja estabelecido um jogo de múltiplas relações intratextuais.

Vale ressaltar que Mondada & Dubois (2003) acreditam que não há relação entre palavras e coisas. Há, sim, relação entre objetos de discurso. Ou seja, “a instabilidade das categorias está ligada a suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas: práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p.29). Dessa forma, evidencia-se que as expressões linguísticas não são satisfatórias por si sós para a construção de sentido. Entretanto, elas podem servir como pistas aos interlocutores, a fim de que eles acionem seus diversos conhecimentos compartilhados para atribuírem sentidos a essas expressões. O processo de retextualização se torna, então, um mecanismo por meio do qual os leitores/produtores de texto podem atribuir os mais variados sentidos aos seus objetos de discurso.

Por fim, o uso dessa estratégia no ensino de produção de texto na escola pode ser de grande valia, na medida em que não aborda somente a parte de construção textual e sua gramática, mas também o discurso com suas potencialidades argumentativas e sua diversidade cultural.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D. *Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual*. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

BELLIN, G. P. *Aspectos da teoria do conto em “os irmãos Dagobé”, de Guimarães Rosa*. UTFPR, 2011. Disponível em <utfpr.edu.br> Acesso em 03/02/2015.

BENTES, A. C. *Linguística Textual*. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Cristina (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. (Volume 1). SãoP Paulo: Cortez, 2001.

BENTES, A. C.; MORATO, E. M. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

BOSI, A. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975.

CALDAS, M. de C. *Reflexão da tradução sob a perspectiva da retextualização*. UFES, 2011.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO VERBAL, ciclo básico – PUC / SP, 1º semestre de 1982. Recontando um conto: o peru de natal.

CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza. UFC. 2011.

CAVALCANTE, M. M. Et al (orgs) *Referenciação*. São Paulo. Contexto.2003.

COELHO, G. P. *Retextualização e referenciação: uma análise do objeto-de-discurso em Romeu e Julieta de Shakespeare e nos quadrinhos de Maurício de Sousa*. UFES, 2013.

CORTÁZAR, J. *Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores*. In Valise de cronópio. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CORTEZ, S. L. *Referenciação e ponto de vista: constituição de instâncias discursivas para orientação na crônica de ficção*. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

CORTEZ, S. L. e KOCH, I.G.V. *A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais in CAVALCANTE, M.M e LIMA, S. M. C. (orgs) Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

DELL'ISOLA, R. L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. São Paulo Ática, 2006. 1. Ed.

LEITE, L. C. M. *O foco narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática 1985.

KOCH, I. *Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso*. Revista Investigações: Linguística e Teoria Literária. Recife. UFPE. v.21. n. 2. Julho, 2008.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetórias e grandes temas*. 2º ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2009.

2009A\_KOCH, I. V., ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

2009B:\_KOCH, I. V. ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 1.ed. São Paulo: Contexto 2009.

KOCH, I. V. *A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional*. Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas, Dez. 2001. 75-89.

KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1995.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Editora Cortez, 7º. Ed. 2011.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, I. V. *Introdução à Linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela; MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria (orgs). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L.A. *Anáfora indireta: p barco textual e suas âncoras*. In: KOCH, I. G. V; MORATO, E. M. M.; BENTES, A. C.(Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 53-101.

MATENCIO, M. L. M. *Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo*. Scripta, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 25-32, 2002.

MATENCIO, M. L. M. *Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha*. Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN, março de 2003.

MEURER, J. L. e MOTTA-ROTH, D. *Gêneros textuais e práticas discursivas: Subsídios para o ensino da linguagem*. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 28.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In: CAVALCANTE, M. et al. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

POE, E.A. *Filosofia da composição*. In \_\_\_\_\_ . *Poemas e ensaios*. 2 ed. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

POE, E. A. *Resenhas sobre Twice-Told Tales, de Nathaniel Hawthorne*. Tradução Charles Kiefer. Bestiario, v. 1, n. 6, p. 1-13, jul/2006.

ROSA, J. G. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.



SILVA, A. M. Moura. *Entre a metáfora e o conceito: Guimarães Rosa contista eteórico do conto*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 12, Anais... Curitiba. Curitiba, UFPR, 2011.

SOUSA, M. E. V. de, PEREIRA, Regina Celi Mendes - *LINGUAGENS: USOS E REFLEXÕES* – Disponível em <[portal.virtual.ufpb.br](http://portal.virtual.ufpb.br)> – Acesso em: Fevereiro de 2013.

TRAVAGLIA, N. G. *Tradução e retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: Edefu, 2003.

